



Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Medicina da Bahia
Memorial da Medicina Brasileira



Esta obra pertence ao acervo histórico da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia, sob a guarda da Biblioteca Gonçalo Moniz – Memória da Saúde Brasileira, e foi digitalizada pela equipe do Laboratório de Preservação da Instituição.



Janeiro de 2025

Memorial da Medicina Brasileira – Faculdade de Medicina da Bahia
Largo do Terreiro de Jesus, s/n, Pelourinho - Salvador - Bahia - Brasil

www.bgm.fameb.ufba.br
bibgm@ufba.br

EX-LIBRIS

RAIRY · BIBLIOTHECA GONÇALO
DA SAÚDE BRASILEIRA · ZINNON



OK 10/9/93
D 3003

FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA

Saboya Ribeiro

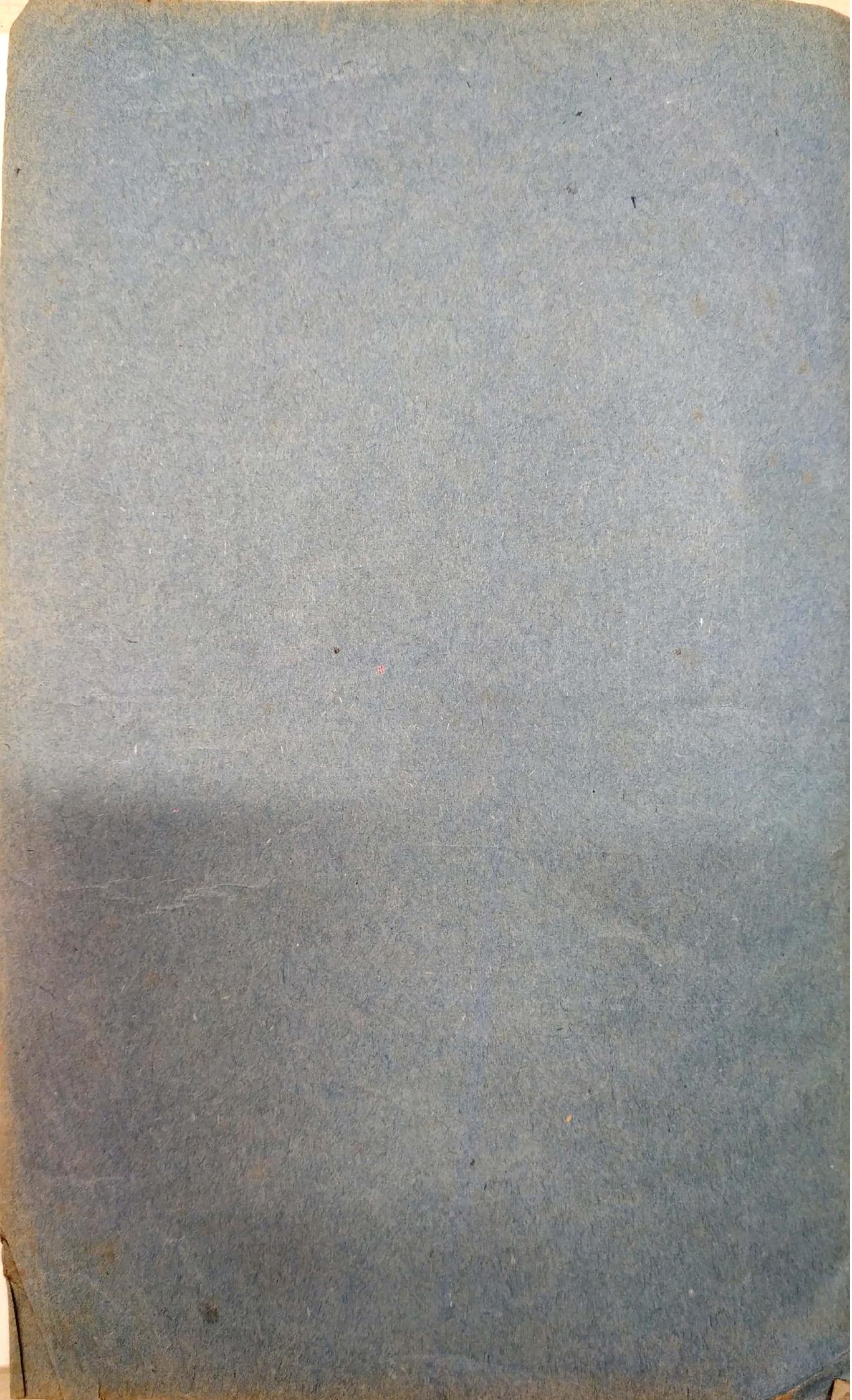
Ensaio Nosographic
DE
Augusto dos Anjos

THESE INAUGURAL

(Cadeira de Clinica Psychiatrica)

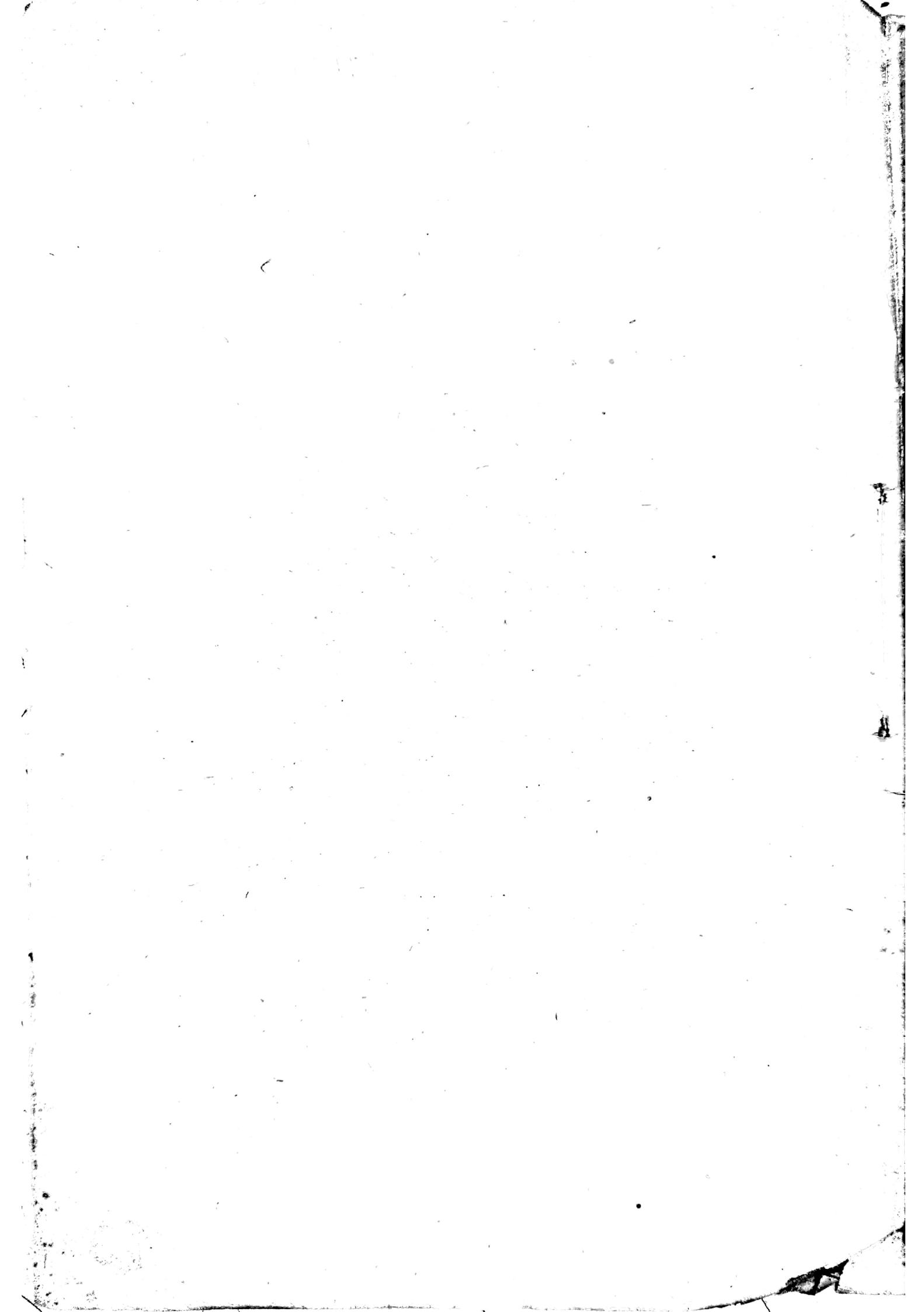
1926

Papelaria Vera Cruz
13, Conselheiro Dantas — Miguel Calmon, 40
BAHIA



192

These



8003
FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA

THESE INAUGURAL

APRESENTADA A'

FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA

Em 30 de Outubro de 1926

POR

João Felippe de Saboya Ribeiro

NATURAL DO ESTADO DO CEARÁ

Ex-interno da Clinica Optalmologica, serviço do Prof. Dr. Cesario de Andrade, por titulos da Faculdade de Medicina e da Casa da Santa Misericordia (annos de 1924, 1925 e 1926).

*Filho legitimo do Dr. Raymundo Francisco Ribeiro e
D. Maria José de Saboya Ribeiro*

DISSERTAÇÃO

Ensaio Nosographicó de Augusto dos Anjos

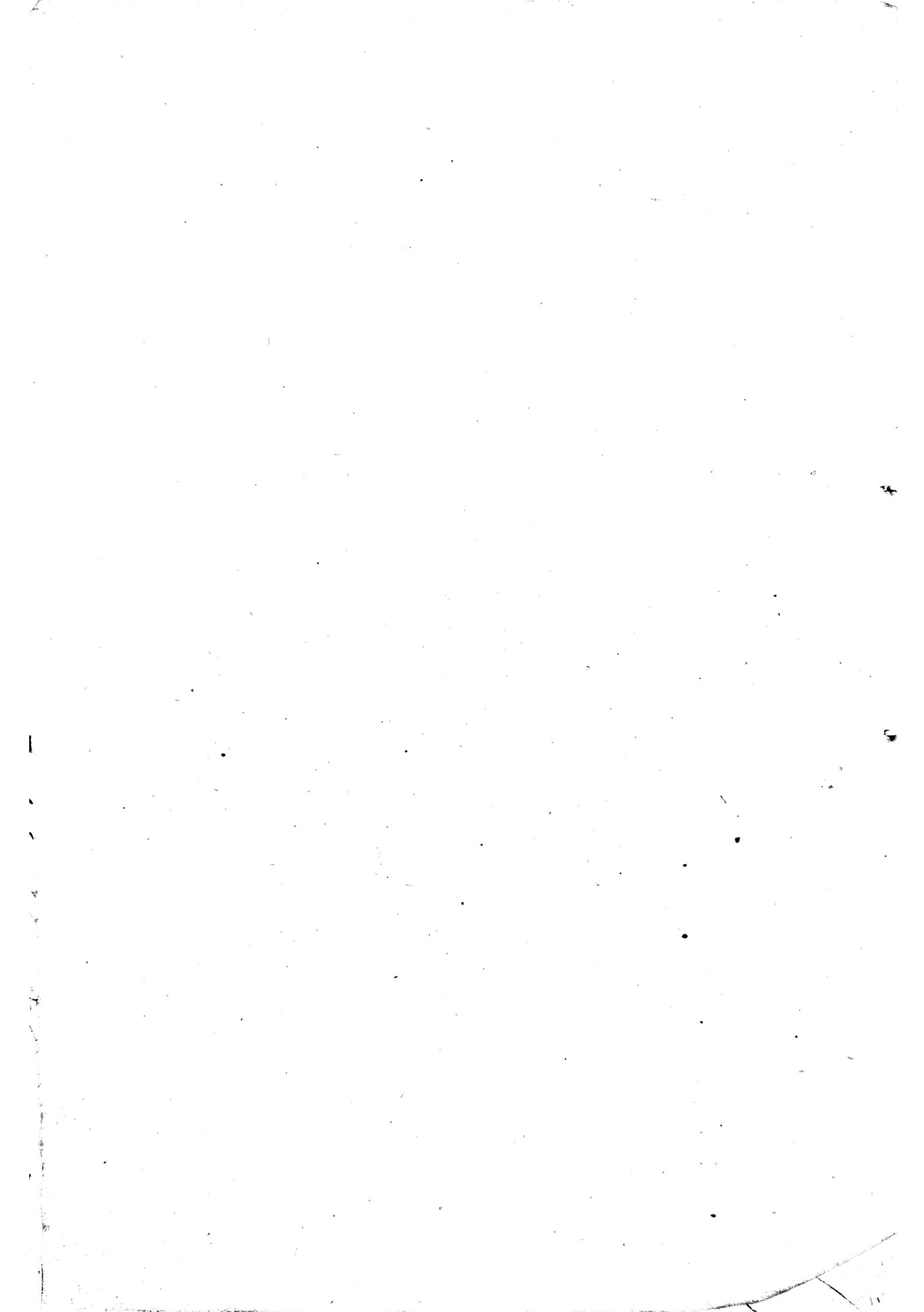
(Cadeira de Clinica Psychiatrica)

1926

Papelaria Vera Cruz

13, Conselheiro Dantas — Miguel Calmon, 40

BAHIA



FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA

Director-Professor—Dr. Augusto Cesar Vianna
Vice-Director-Professor—Dr. Augusto de Couto Maia
Secretario—Dr. Agenor de Souza Bomfim

PROFESSORES CATHEDRATICOS

Doutores

Materias que leccionam

Alvaro Campos de Carvalho	Physica
Antonio Amaral Ferrão Muniz	Chimica Geral e Mineral
Euvaldo Diniz Gonsalves	Chimica Organica e Biologica
Manoel Augusto Pirajá da Silva	Biologia Geral e Parasitologia
Eduardo Diniz Gonsalves	Anatomia Humana
Mario Andréa dos Santos	Histologia
Aristides Novis	Physiologia
Augusto Cesar Vianna	Microbiologia
Antonio Bezerra Rodrigues Lopes	Pharmacologia
Octavio Torres	Pathologia Geral
Leoncio Pinto	Anatomia Pathologica
	Pathologia Medica
	Pathologia Cirurgica
Fernando José São Paulo	Therapeutica
	Medicina Operatoria
José de Aguiar Costa Pinto	Obstetricia
	Hygiene
José Olympio da Silva	Medicina Legal
Antonio do Prado Valladares	Clinica Medica Propedeutica
	Clinica Medica 1.ª Cadeira
Fernando Luz	Clinica Medica 2.ª «
Caio Octavio Ferreira de Moura	Clinica Cirurgica 1.ª Cadeira
Antonio B. Freitas Borja	« « 2.ª «
Durval Tavares da Gama	Clinica Cirurgica Infantil e Orthopedica
Joaquim Martagão Gesteira	« Pediatrica
Almir Sá de Oliveira	« Obstetrica
Aristides Pereira Maltez	« Gynecologica
Eduardo Rodrigues de Moraes	« Oto-rhino-laryngologica
João Cesario de Andrade	« Ophtalmologica
Alfredo Couto Britto	« Neuriatrica
Mario Carvalho da Silva Leal	« Psychiatrica
Albino Arthur da Silva Leitão	« Dermatologica e Syphiligraphica
	Medecina Tropical

PROFESSORES SUBSTITUTOS

4.ª Secção—Antonio I. de Menezes	Anatomia Humana M. Operatoria
6.ª Secção—Sabino Silva	Physiologia
8.ª Secção—Augusto de Couto Maia	Microbiologia
15.ª Secção—Agrippino Barbosa	Clinica Pediatrica
16.ª Secção—Flaviano da Silva	« Dermatologica e Syphiligraphica
18.ª Secção—Alexandre A. de Carvalho	Clinica Oto-rhino-laryngologica

PROFESSORES CATHEDRATICOS EM DISPONIBILIDADE

Doutores

Doutores

Sebastião Cardoso	João Americo Garcez Fróes
João E. de Castro Cerqueira	José Adeodato de Souza
José Eduardo Freire de C. Filho	Luiz Pinto de Carvalho
José Rodrigues da Costa Doria	Adriano dos Reis Gordilho
Aurelio Rodrigues Vianna	João Martins da Silva
Gonçalo Muniz Sodré de Aragão	Menandro dos Reis Meirelles Filho
Alfredo Ferreira de Magalhães	Alvaro Fróes da Fonseca
Josino Correia Cotias	

PROFESSORES HONORARIOS

Dr. Juliano Moreira Dr. Carlos Chagas
Dr. Thiago de Almeida

A Faculdade não approva nem reprova as opiniões exaradas nas theses que lhe são apresentadas.



DISSERTAÇÃO

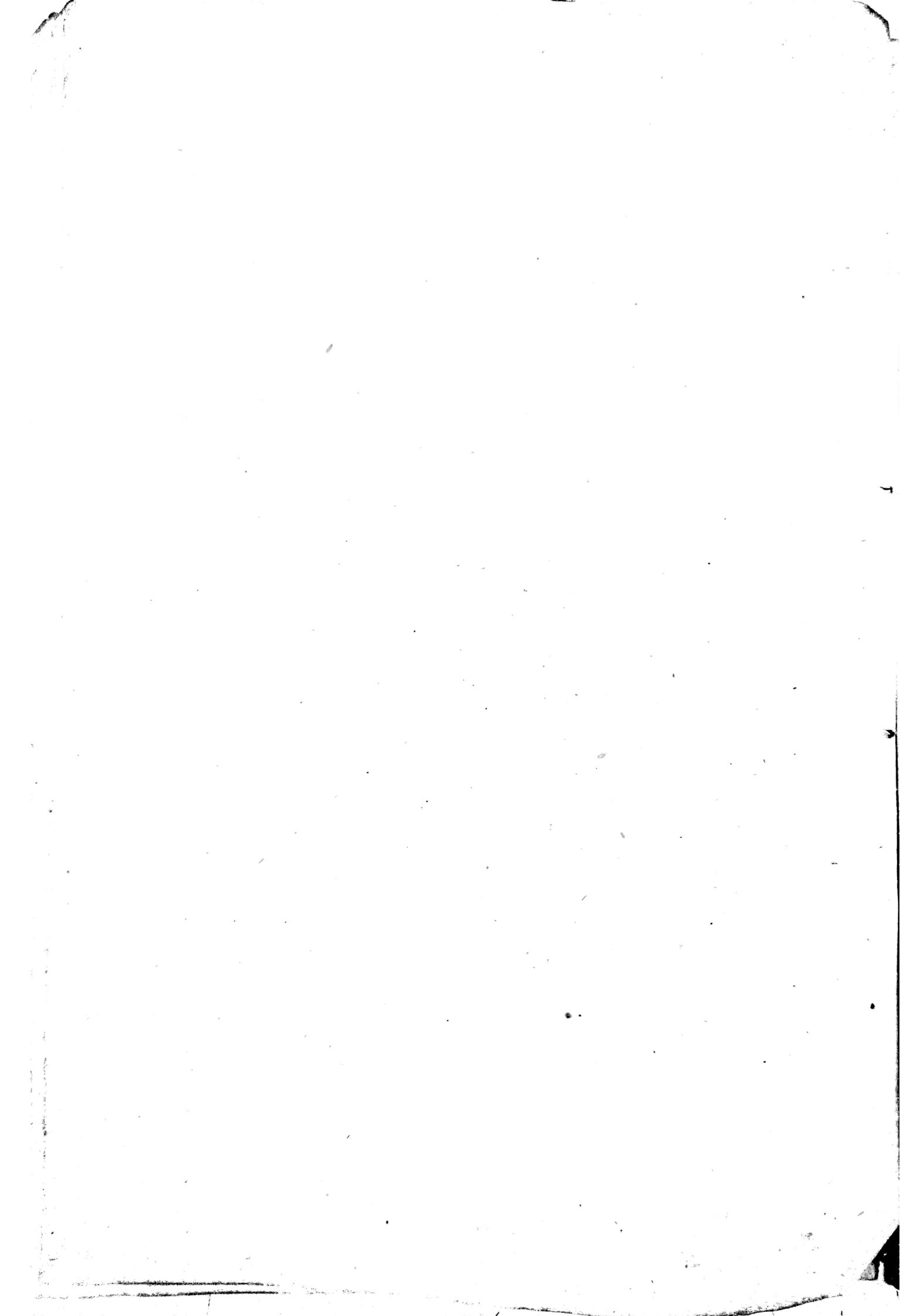
Ensaio Nosographico de Augusto dos Anjos

(Cadeira de Clinica Psychiatrica)



“Querer penetrar inteiramente é pretenção demasiada; ficar na superfície é pouco, e não vale a pena. Torna-se preciso, pois, que o estudioso penetre sempre, mas com a prévia certeza de que não poderá dissecar uma individualidade como se dissecava uma rã ou um coelho, e com uma prévia disposição para duvidar das próprias descobertas, assim como das conclusões a que seja tentado.”

(Amadeu Amaral)



Antes do texto

No juizo commun das nossas sociedades (absurdo preconceito!), de Norte a Sul, todo aquelle que, tendo passado pelos bancos de uma Faculdade de Medicina, e ao terminar o seu curso, não elaborou e defendeu um trabalho de these, nem só não é doutor, como não é medico.

Isto faz, consequintemente, que espiritos, ainda que movidos dos maiores propositos de modestia, curvem-se á necessidade, que o é a esse prisma, de fazer um trabalho neste genero.

Extincta a exigencia da Lei, que a este obrigava, o motivo não é outro, pelo qual se realiza a quasi unanimidade das these de doutoramento.

Assim se explica a feitura desta these.

OBITUARY



A' margem do diagnostico em Psychiatria e Medicina Legal

E' muito difficult, farta vez, emitir diagnostico em Psychiatria ou, dadas as consequencias que então decorrem, mais do que difficult, perigoso é, ter que emitir diagnostico psychiatrico, a quando ao servizo da Medicina Legal. O perigo, comprehende-se, é uma natural consequencia das difficultades na especie.

Se, em Clinica Medica geral, a couça já não é despida de complicações, por isso mesmo que, a meudo, as manifestações symptomatologicas de uma doença têm traços que a confinam de outras, e, por outro lado, nem sempre os meios propedeuticos tudo resolvem, — em Psychiatria, essas complicações alteiam de vulto, porque, de uma parte, vezes, se mantem a mesma confusão de phenomenos pathologicos, e de outra parte, os recursos do laboratorio e meios outros semiologicos (tests....), no estado actual da sciencia,

sobre mais reduzidos, são de interpretação bem mais embaraçosa e multifaria. Em Psychiatria, elemento precipuo para fins de diagnostico é, sem contradicta, o amplo conhecimento dos antecedentes pessoaes, da ascendencia e dos collateraes, e o da historia da propria doença. Ora, esse conhecimento, multiplas vezes, pelas injuncções das conveniencias, acaso respeitaveis, da familia, é velado á consciencia do medico, senão até deturpado. Quando não, é já o proprio alienado quem accresce, naturalmente, as difficuldades do medico, em virtude do seu proprio estado: «O psychiatra só muito excepcionalmente pode contar com o auxilio do alienado, que se desconhece, que desconfia de todo o interrogatorio, que não fala (mutismo melancholico e hysterico), que não fixa a attenção (mania, confusão mental, demencia), que não conhece o valor dos symptomas ou que perdeu a memoria (epilepsia, hysteria, mania transitoria, demencia.)» Julio de Mattos».

Se, então, o diagnostico deve ser formado para o alcance da Justiça, é intuitivo, logo, quanto cresce o embaraço, visto como qualquer juizo orientará as cousas num sentido todo moral sobre o individuo, tendo em vista a sua capacidade civil, a sua mesma liberdade, etc. Assim, o psychiatra, nesses casos, se forra da consciencia de um verdadeiro juiz, bem pensando as suas responsabilidades. Tambem é, aqui, jus-

tamente, que interveem esses dois estorvos formidaveis que são a simulação e a dissimulação; de arte que, ahi, para fora daquelle conhecimento dos antecedentes, quando possiveis, tudo que representa dados para o diagnostico terá que derivar da só observação directa do individuo, por tempo em regra demorado, pelo menos, se se quer ter a pretensão de tirar conclusões judiciosas, onde apoiar esse diagnostico.

Trouxemos todas essas considerações á baila, afim de lembrar que, agora, as mesmas razões acima residem comnosco. Delicado é, por sem duvida, exarar diagnostico acerca de um morto (que isso é o nosso escopo), o qual, conforme a sua natureza, iria suscitar, talvez, justas revoltas em favor da memória de alguem, cujo passamento é ainda de hontem. Referimo-nos a Augusto dos Anjos, o singular poeta do «Eu».

Mas, não é tudo. A delicadeza do nosso desiderato comprehende-se melhor ainda, se se attentar que, aqui, esse diagnostico será colhido através do seu livro «Eu», unico que nos deixou, e nos recorrendo, outrossim, de informes oriundos dos seus amigos, criticos e biographos.

Valemo-nos, porém, do documento literario, sobretudo. Ora, vimos que, em Psychiatria, o diagnostico, se bem que baseado, muita vez, numa serie de dados da observação directa e indirecta do individuo, é precario e falaz, nesse e naquelle caso, quando mesmo esses dados se congregam todos para

fortalecer o juizo definitivo. No nosso caso, toda-via, ha o perigo de todas as questões metaphysicas — que o é, em verdade, ao menos por vezes, o caracter do nosso estudo. De facto, na analyse, a que vamos proceder, não ha fugir ao criterio, ao discernimento e interpretação pessoaes. Innegavelmente, o documento literario tem o seu valor subsidiario para o conhecimento psychologico de um autor — não fosse a Arte, de si mesma, individual, ou melhor, subjectiva. E, quando nos não resta, sobre o individuo, documento outro, que nos permitta conhecer-lhe a psyché, — então, elle bem pode se nos antolhar como o meio unico de pesquisa, e o que se possa concluir por elle, judiciosamente, deve de merecer alguma fé.

Effectivamente, todo o fundo da Arte — dissémos — é naturalmente subjectivo. Zola bem que a definiu — “um canto da Natureza, visto através de um temperamento.” João Ribeiro diz ser criticavel a definição de Zola, pelo facto de excluir o grande dom do artista, qual o de compôr, pela phantasia. Mas, tal exclusão não existe, assim saiba o artista (e é o caso de todos os artistas dignos desse nome), dirigir a sua phantasia, “como o fez Distoivsky” vivendo as proprias impressões deixadas na sua alma pela vida e a Natureza. A definição do autor de “Lourdes” é, consequintemente, perfeita, — maravilhosa de synthese e de verdade. A sua argucia foi, até, em descobrir o real papel do factor individual do artista, alludindo

a essa deformação obrigada, que soffre a Natureza: "através de um temperamento."

Por sua mesma origem, o producto mental é causa em tantos respeitos intima do individuo, promana de uma séde que é tanto a fonte dos caracteres da personalidade, que esta, forçosamente, haveria de representar uma constante infalivel nas concepções literarias. O artista vive e se espelha, de facto, em grão maior ou menor, mas está sempre, no que escreve. Certo, a personalidade não se revela, unicamente, na obra d'arte, no sentido claro e literal das palavras, senão, tambem, no fundo conceituoso della, na eleição dos seus assumptos, no caracter das suas creações, na philosophia, em summa, que se filtra das suas paginas. Toda a obra do nosso grande Machado de Assis está nesse caso. Elle nunca fala de si, que não através dos embuços mais subrepticios e daquelle fundo sceptico, que forma o lastro das suas idéas. Mas, nem por isso, uma analyse subtil apprehende menos, nos seus livros, uma "personalidade", de feição muito inconfundivel, aliás. O proprio espirito de escola conduz o individuo a esconder os seus mesmos sentimentos d'alma. Sabe-se a qual ponto o cunho subjectivo era uma caracteristica da escola romantica, e o impessoalismo mais frio um cónon da escola parnasiana. Demais disto, é mesmo das naturaes tendencias humanas, uma sorte de pudor, que nos leva

a esconder o que nos convem, e que não deixa, assim, pois é bem um freio, de velar os sentimentos reaes do individuo. Nem todos se exprimem naquelle maneira franca e desnuda de um Rousseau. Um abysmo vae, por exemplo, do espirito de um Machado ou um Anatole, para o do autor das "Confissões". Mas, repetimos, sob essa trama delicada, o individuo palpita, a seu modo, na obra d'arte. Ahi, no que se esconde, todo o mysterio intimo do artista. Desvendal-o, sempre, em toda a plenitude, seria mister podermos, todas as vezes, assenhorear-nos, assim das nitidas manifestações dos seus pensamentos, como, até, das suas proprias intenções; ou identificar-lhe o sentido das suas personagens, como o symbolismo das suas concepções; seria mister, em summa, andar a par dos factos todos da sua vida, para poder, ás vezes, estabelecer o significado de certas revelações que se ensombram nos fructos do espirito...

Assim, affirmamos de novo, a questão é algo metaphysica, e impõe um collorario: não ha que despresar quanto possa elucidar a exegese psychologica. Não raro, um nada é o fio de Ariadne, que nos permitte comprehender, á maravilha, o feitio de um escriptor e precisar, rigorosamente, o sentido exacto de certos aspectos da respectiva obra. Tem-se, pois, que adoptar um methodo eclectico, nesse tra-

balho de estho-psychologia. Assim procedemos aqui.

Mas, claro, nenhum recurso sobrelevará os favores que, nesse intento, fornece a psychanalyse, com o auxilio da qual, farta vez, é-nos permitido fazer luz sobre sentimentos e tendencias, que se não desenham com relevo bastante para, ao nosso espirito, impôr a individualidade do escriptor, no que ella tráe a psyché. Siegmund Freud, que ampliou e vulgarisou o methodo alludido,—que a creação, essa, cabe a Breuer—viu bem na actividade psychica uma forma, a muitos respeitos, fundamentalmente inconsciente do individuo. Nas manifestações dessa actividade, sobrepujaria aquelle conjunto de tendencias, a que denominou Complexos, recalcados no fundo do ser por uma força phrenadora, que é a Censura. Os Complexos, a bem falar, constituem quasi toda a personalidade psychica, e sobretudo interessam, porque representam o ser naquillo que, delle, é mais sincero e verdadeiro, pois é o seu proprio temperamento. a livre de conveniencias quaequer. Admitte-se que os Complexos de Freud, em dados estados, são suscetiveis de reconhecimento pelo medico e o analysta, como é o caso, teda vez que elles exercem uma influencia manifesta sobre o pensamento consciente. Tal assim, no curso dos sonhos e das nevroses. Ora, na producção intellectual, ha muito desse estado, que se confina do sonho e das nevroses. "Um poema,

uma obra d'arte, brotam na alma do artista, em virtude de processos inconscientes assás comparaveis aos do sonho. O artista põe na sua obra uma multição de tendencias, das quaes elle assim consegue uma realização, uma libertação ideaes. Elle ahi procura o meio sublime de expandir todas as suas aspirações, e a analyse pode, na obra, reconhecer todos os sentimentos intimos do autor, toda sua historia affectiva, toda a sua vida pessoal, inclusive as suas lembranças da juventude e da infancia". (Hesnard). E' que, em dadas oportunidades, o artista é o joguete de uma especie de automatismo superior, e as suas creações podem mesmo effectuar-se em pleno sonho ou no estase. Ribot, Kostileff, Chabaneix, Rémy de Gourmont profundaram a intima natureza e gênese da inspiração, que é mais do que "imaginação" créadora ou combinadora, tanto representa uma synthese extraordinariamente complexa, synthese intuitiva e preconsciente. Eis como Hesnard resume o mecanismo da inspiração, segundo essas vistas: "O artista reflecte sobre o assumpto que se propõe, e examina delle todas as possibilidades de realização esse trabalho consciente de elaboração, elle o abandona frequentemente para repousar o espirito; mas, ao associar por vezes ideas de um caracter particular, o artista sente, em uma visão brutal e rapida como um relampago, a obra fermentar em si. Depois, vem o sentimento de tensão interior que traduz

a necessidade imperiosa de realização: "febre" dos escriptores dos tempos dos Goncourts, insomnio, extenuação, «formigamento dos dedos». (Daudet) etc.... A realização, depois começada, prosegue caprichosamente; o trabalho opera-se por vezes subitamente, ao despertar (W. Scott, Michelet); e termina enfim por bruscas revelações complementares». Camus, tratando do assumpto, escreve: «Não é possível suppor-se que a alma esteja bastante tranquilla nesses instantes; suas emoções se manifestam mesmo sobre o corpo, e é um arrebatamento, um delírio, um furor em que a gente não enxerga e não conhece senão o objecto que produz um sentimento tão vivo e lisongeiro.»

E' aquella "possessão", de que nos fala Véron, e em que o artista, submerso, por assim dizer, dentro na propria impressão, que o domina, identifica-se a tal ponto com ella, que nem a analysa, nem se conhece a si mesmo. E o quilate superfíno das relações geniaes fôra, até, fundamentalmente, para Véron, uma funcção dessa impressionabilidade, requintada ao grão maximo, no homem de genio. "O que o caracteriza particularmente, diz elle, é uma predisposição mais ou menos permanente á emoção, ao entusiasmo, ao que se chama inspiração." E tudo isso, já o vimos, presuppõe um grão variavel, mas obrigado, de automatismo mental, aliás forma superior do automatismo.

E este é tanto necessário aos surtos do espirito, que escriptores vão mesmo ao ponto de se recorrer de meios artificiaes, com que o activar. Ahi estão todas as obras geradas em pleno delírio dos toxicos

euphoricos, como as de Pöe e Baudelaire. Que se passa, no individuo, debaixo dos seus effeitos, senão a sublimação, por assim dizer, da vida mental automatica, portanto inconsciente? Moreau de Tours estudou a questão, a propósito do haschich. Este autor admite duas vias psychicas no homem são: uma resulta de suas relações com o mundo exterior, outra é della reflexo; mas é nutrida da mesma substancia, distinguindo-se porque se desenrola durante o sonno. O haschich traz á luz da consciencia esta segunda via, que produz "especies de sonhos de uma noite agitada" e installa em detrimento da primeira. Ella é assim mal dirigida por uma vontade progressivamente enfraquecida, cuja falta contrasta com a exaltação da imaginação e da memoria.

Nem se argúa que essas são vistas puramente theoricas, e que, sujeitas a esse automatismo, as fórmas darte não representariam senão creações inferiores do espirito.

A compatibilidade, todavia, é perfeita entre as duas cousas. Leignel-Lavastine e Jéan Vinchon citam um caso interessante de automatismo psychico. Fôra uma mulher que modelara um busto da Virgem, e afirmava que a sua consciencia e sua vontade não haviam intervindo em seu trabalho. Todavia, uma bem feita investigação das suas lembranças, no curso de uma analyse pertinaz directa, permitiu-lhes descobrir que esse busto era o resultado de uma promessa, e que fôra talhado na vespera, em pleno automatismo, tanto mais intenso, quanto fôra cerebral e manual, como lho permitia a sua educação artistica anterior.

Que foi a obra de Camillo, muita vez, senão a cristalisação inteira de allucinações e delirios? "Nesta deploravel enfermidade, que ha seis annos me intilla no cerebrogota agota a peçonha da morte, achei traça de me vingar do acaso que embala o regalado dormir do meu cão, e me estrondeia nos ouvidos o marulhar das vagas entre penhascos. Vou ao jazigo das minhas illusões, exhumo os esqueletos, visto-os de truões, de principes, de desembargadores, de meninas poeticas, á semelhança das que eu vi quando a poesia era o aroma dos seus altares.

Visto-me eu tambem das cores prismaticas dos vinte annos, aperto a alma com as garras da saudade até quē ella chora abraçada ao que foi. E depois, neste festim de mortos, conversamos todos: e eu, no alto silencio da noite, escrevo as nossas palestras. E quando a aurora reponta: a luz espanca as imagens, cujo meio de vida é a treva e o silencio. Venho então sentar-me á esta banca, dou formas dramaticas ao dialogo dos meus phantasmas, e convenço-me de quē pertenço bem aos vivos, ao meu seculo, ao balcão social, á industria, mandando vender a Ernesto Chardron as minhas insomnias."

Essas considerações, logo, impõem uma illação natural: se, nos processos communs de criação darte, o complexo do inconsciente é assim presente, não menos o será, quando ella resulte das manifestações de uma cerebralidade, de si mesma, anormal. Está claro que essas formas darte nem sempre corresponderão a uma expressão superior de belleza. Mas, a priori, traduzirão a personalidade sem rebuscos, não

grado que não possamos, muita vez, estabelecer as relações das suas características, do ponto de vista do diagnostico preciso. Isto é que necessário ter-se por acerto. "Os factos que mais se approximam do automatismo absoluto acham-se neste dominio", escreve Jéan Vinchon. Ainda, pois, nas produções morbidas do espirito, a psychanalyse encontra ensanchas de proceder ás suas identificações dos Complexos de Freud, cuja libertação, em face da Censura, está na dependencia mesma dos processos inconscientes e, portanto, do automatismo. Mas, se os Complexos avultam neste genero da produção morbida, não se torna mais facil desvendar a real significação delles. Ora, o caso é que, vencendo a tyrannia, que lhes impõe a Censura, os Complexos de Freud se revelam sob uma forma em tanta maneira disfarçada, que o que elles traduzem é, bastas vezes, dificílimo de reconhecimento. Sob esse aspecto, são bem verdadeiros enigmas, que só a custo o psychologista consegue desvendar, isto é, identificar como idéa e pensamento. Em qualquer maneira, o automatismo creador está na base de todas as fórmas morbidas darte—não fossem as nevroses e psychoses, na doutrina freudiana, uma lucta entre a Censura e os Complexos, com predominio das forças inconscientes do individuo.

Resulta, pois, que o carácter individual, subjetivo, constitue o mesmo fundo essencial da obra darte, pois a personalidade, volucionalmente ou não, eria-a consoante o seu mesmo feitio, quaesquer que sejam, vez a vez, as apparencias em contrario. Nessa

elaboração, o automatismo toma uma parte considerável e larga, como vimos.

E a psychanalyse, consequentemente, ahi encontra todas as possibilidades de aclarar os temperamentos e os caracteres que se occultam debaixo delas, num grão que varia, consoante o aspecto mesmo da obra encarada—subjectiva ou pessoal, symbolica, etc.

E, ainda sommado isso tudo, tira-se que não poderíamos alimentar a pretensão de haver chegado a conclusões, nem categoricas nem intransigentes, no particular do diagnostico do autor do "Eu". Alem das razões particulares, que dizem com os meios dos quaes o extraímos, sobre as quaes já expendemos idéas, o facto é frequente em Psychiatria. Portanto, de ordem geral. Não admira. Em doenças mentaes, a symptomatologia tem uma caracterisação precaria, não raro,—pois é commum de ver-se uma entidade nosologica, extremar-se desta e aquella outra, pondo o observador em difficuldades seríssimas. Feito o diagnostico de um dado caso, o que se lhe exigir, é licito sim, é que accumule o mais de razões que possa, no sentido de robustecer o seu juizo,—e isso deve fazel-o. Emtanto, outra causa é que esse diagnostico não dê logar a todas as discussões, e nem, ao demais, não possa ou venha a ser modificado. E' a conta de semelhantes noções, que admittimos a propria fallacidade do nosso diagnostico, sobre Augusto das Anjos. E' sediço, em Psychiatria, que surjam essas discussões, —aliás, consequencia muito natural, muito explicavel, em face daquelles pontos de contacto das suas enti-

dades. "Pode-se dizer, escreve Masselon, que não existe em Medicina mental nenhuma categoria com limites bastante nitidos, e que os estados psychologicos bem diferenciados, que nós descrevemos em um grupo morbido determinado, veem-se confundir, nos casos extremos, com outros estados pathologicos que attribuimos a grupos morbidos differentes." Se assim é nos estados mentaes, verdadeiramente constituidos, deduz-se, claro, que hão de impérar maiores reservas ainda, para aquelles casos, em que o mal paira, simplesmente, ao em torno de manifestações apenas prodromicas, ou se consubstancia em fórmas frustas e larvadas. De arte que, então, ha que se conformar a gente, por força, apenas, com bem ou mal precisar as bastantes provas do estado mental do sujeito, não mais tendo em vista classifical-o a dentro desta ou daquella entidade morbida, senão procurando firmar se ha ou não integridade da sua razão ou equilibrio psychico, isto é, se se trata de um sâo do espirito ou de um alienado. Tambem, aqui, é problema intrincado esse, que affecta a questão do conceito de saúde, particularizado ao aspecto psychiatrico, onde a cousa offerece nuances mais cheias de delicadezas ainda. E' que, a certa luz, o doente, aos olhos do psychiatra, é, muita vez, tudo o que parece mais normal a um exame pêrfuntorio, ou até feito com rigores de minucia. Attente-se, no particular, para a enorme classe dos epilepticos larvados, que é o exemplo classico desses individuos de melindroso exame, ou para a dos loucos moraes, tão-

proximo delles, não raro. Doutra parte, o verdadeiro estado de saude, em Psychiatria, não se consegue, tão somente, das manifestações mentaes em si mesmas, comquanto que nos pareçam então integraes,—mas, além disso, da exclusão de certos factores morbidos e da ausencia de certas attitudes da vida privada do individuo, ou na sociedade. Haja vista, na especie, os casos de loucura moral, onde o diagnostico tem de ser reportado, nessa e naquelle oportunidade, a outras attenuadas manifestações dessa anomalia mental, que, segundo Lombroso, comporta todos os graus, desde a simples fraqueza do senso ethico, até a completa cegueira moral. Intervindo, em certos casos, esse conhecimento, o attestado de sanidade estará prejudicado muita vez, ou pelo menos, será feito debaixo de alguma reserva. E já se disse quanto nos falha, não raro, a sua averiguação.

Certo, que, fóra mesmo de precisão diagnostica, os casos ha de loucura evidente: aquelles que se accusam por crises e accessos furiosos. Se assim não fosse, attenta, mesmo, a comprehensão do conceito de saude—cousa relativa—não se houvera nunca por onde achar aquelle estado psychico verdadeiramente normal, de modo que toda investigação psychiatrica daria, sempre, com uma conclusão negativa do ponto de vista da sanidade de cada qual. "Modus in rebus." Nessa transição imperceptivel dos estados mentaes, se é certo, como diz o povo, que todos temos um pouco de lucos, a confusão e o embaraço deixam de existir para além de certos limites.

Do que deixamos dito, conclue-se que, no estudo psychiatrico de quem quer que seja, um duplo problema se defronta ao clinico: um, o diagnostico exacto, consoante o qual, o individuo é classificado nesta ou naquelle entidade morbida; outro, o diagnostico de alienação, sem cogitar da especie de loucura.

No estudo que se segue de Augusto dos Anjos, suppomos, bem ou mal, ter chegado áquelle diagnostico exacto, a que alludimos.



A melancholia - doença de Augusto (*)

Enquadra-se perfeitamente bem na melancholia, como doença individualizada, o estado mental de Augusto dos Anjos, visto através do "Eu" e factos outros, relativos á vida do homem. Não é que esqueçamos, ao affirmar isto, quanto é difficult diagnoscticar a melancholia, como psychose autonoma. De verdade, ha, aqui, o perigo de erro imminente, sabido, como é, que a melancholia assume uma dupla significação, neste sentido que é—ora, syndrome, ora, doença. Mas, nesse diagnostico, ha uma concordancia completa da vida do homem com a propria obra, marcada, toda ella, pelas cores mais amplas da tris-

(*) Aqui se nos impõe, de logo, definamos uma questão de criterio scientifico, que adoptamos. Não ignoramos que, depois que Kraepelin systematizou a Psychiatria, tirando-a do chão em que vivia, uma forte corrente não mais admite a melancholia, como doença, senão estados melancholicos (syndrome na confusão mental, paranoia e paralysia geral), e psychose maniaco-depressiva. O facto originou-se de que, á parte os estados melancholicos syndromicos, era frequentissimo ver-se a melancholia alternar com a mania, mais tempo, menos tempo, segundo as modalidades todas

teza, expluente de idéas traductor as de uma profunda dor moral, base e caracteristica dessa psychose, segundo Griesinger. Não falta, sequer, na obra de Augusto, a expressão delirante, que se revela, a muitos trechos, clarissima. E causa, e natureza e pathogenia, no seu caso, encontramolas, que o explicam sufficientemente, quaesquer que sejam as theorias que se tenham de invocar, para justificar o referido diagnostico.

A questão da natureza e pathogenia divide os autores em tres grupos:

I) Com Esquirol, Baillager—é a doutrina clas- sica—entendem uns que a melancholia, na essencia, não é mais do que a fixação do espirito sobre idéas penosas, supondo, como condição «sine qua», uma lesão affectiva, que houvesse de explicar todos os seus symptomas. Já dissémos, da nota fundamental do "Eu", que era a tristeza, na sua accepção mais larga. Todos o notam, que o criticam. Assim, Alvaro de Carvalho: "Augusto fôra um eleito da dor, voltado incessantemente para dentro de si proprio, preso

da loucura periodica. Assim, Kraepelin reviu esse ponto da Psychiatria, e elidiu do seu quadro nosologico a chamada melancholia idiopathica. Não mais diagnosticos de melancholia. Onde se visse, fosse outra a rubrica: psychose maniaco-depressiva. Kraepelin o disse. Prompto.

Ora, disso tudo, lícito é deduzir uma cousa: o facto de ser muito frequente o converter-se a melancholia em psychose maniaco-depressiva, por sua alternancia della, com a mania, o mesmo não é que isto ser «fatal». Quando muito, dahi se concluirá que a psychose maniaco-depressiva é bem mais commun, que a outra. Aliás, os diagnosticos em Psychiatria sempre requerem uma obser-vação delongada, e seria em falta disto que os erros, no particular do nosso ponto, se commetteriam. Como se tanta cousa, ao começo,

á fatalidade pathologica que o arrastou, gemendo e imprecando, numa doida aspiração de paz, para a noite infinita do tumulo. Não teve olhos para ver, nem nervos sadios para sentir, nos fulgores da luz, nas suavidades da musica, na caricia dos perfumes ou na ondulação das curvas femininas, toda a gradativa impressão de belleza que o Universo contem. O proprio céo, visto através da retina do poeta, é sempre escuro." E adiante: «Mesmo quando quer transmittir impressões visuaes, dando-nos a idéa exacta de um quadro que deveria ser bello, escreve versos assim:

«Espelham-se os esplendores
 «Dos céos, em reflexos, nas
 «Aguas, fingindo christaes
 «Das mais deslumbrantes cores»,

que se caracterisam por desmedida imprecisão e não geram, no espirito de quem os lê, a imagem que, com clareza, desejou evocar." E depois: "Esse pendor abstractivo, que é idiosincrasico na personalidade pensante do poeta, tira-lhe a força ás descrições, e

em doenças mentaes, não ficasse com o diagnostico no ar... Mais ainda: os proprios que diagnosticam, nos casos occurrentes na especie, systematicamente, psychose maniaco-depressiva, não negam os casos que existem, em que só se exterioriza uma das phases della-mania, ou melancholia. E' quanto basta.

Em resumo: admittixos uma melancholia syndrome, quando ella coexistente com determinadas psychoses; uma melancolica doença, quando a observação não dá com a sua alternancia com a mania; e a psychose maniaco-depressiva, quando essa alternancia existe.

A leitura do nosso trabalho justificará que, de acordo com essas vistas, erissemos o diagnostico feito.

não é mais do que a consequencia da hypertrophia cenesthesica, delatada em todos os productos da sua alta mentalidade." Passemos, porém, á documentação literaria, que precisa o assumpto:

«Melancholia! Estende-me a tua asa!
 «E's a arvore em que devo reclinar-me.
 «Se algum o prazer vier procurar-me,
 «Dize a este monstro que eu fugi de casa!»

E os seus lamentos succedem-se, a intercadências miudissimas, como grandes interjeições de dor, que se lhe escapassem da bocca por uma especie de sestro. "Ah! um urubú poisoü na minha sorte!", queixa-se. Ou, então, voltando-se para dentro de si mesmo, treme da propria consumpção, e brada: "Minha ruina é peior do que a de Thebas!" E-lhe, em summa, a existencia uma derrota sem termo. E confessa:

«Assim, em magua, eu tambem vou passando
 «Somnambulo... somnambulo... somnambulo...»

Mas, onde culmina essa expresão dolorosa do seu ser sombrio, numa synopse eloquentissima, é nos seguintes versos, oriundos de uma grande, extraordinaria sinceridade affectiva:

«Bati nas fraguas de um formento rude!
 «E a minha magua de hoje é tão intensa,
 «Que eu penso que a alegria é uma doença
 «E a tristeza a minha unica saúde.»

Traduzindo toda a sua immensa angustia inte-

rior, convencido, como um verdadeiro budhista, do sofrimento eviterno e irremediável, deixa escapar do labio a queixa, num desalento:

“Ah! Dentro de toda alma existe a prova
“De que a dor, como um darthro, se renova.”

A sua angustia, de resto, sobre irremediável e eviterna, não logra, ao menos, pausas e convalescências, nenhum allivio, senão a titulo muito precario, quando—tão raro!—o Prazer visita o poeta:

“Essa alegria immaterialisada,
“Que, por vezes, me absorve, é o obulo obscuro,
“E' o pedaço já podre de pão duro,
“Que o miseravel recebeu na estrada!”

A idéa da Morte, como uma obcessão, persegue-o, e eis, por toda parte, o seu espectro depara-se-lhe:

“Na ascenção barometrica da calma,
“Eu bem sabia, ansiado e contrafeito,
“Que uma população doente do peito
“Tossia, sem remedio, na minha alma.”

“Scismava no proposito funereo
“Da mosca debochada, que fareja
“O defunto, no chão frio da egreja,
“E vae, depois, Teval-o ao cemiterio.
“E, esfregando as mãos magras, eu, inquieto,
“Sentia, na craneana caixa tosca,
“A racionalidade dessa mosca,
“A consciencia terrivel desse insecto.”

“E, sentindo o que um lazaro não sente,
“Em negras nuanças lugubres e aziagas,

“Vejo terribilissimas adagas,
“Atravessando os ares bruscamente.”

“Ah! muita vez, á meia noite, rio,
“Sinistramente, vendo o verme frio,
“Que ha de comer a minha carne toda.”

“Dentro da noite funda, um braço humano
“Parecia cavar, ao longe, um poço,
“Para enterrar minha illusão de moço,
“Como a bocca de um poço arteziano.”

“Como que, abrindo todos os jazigos,
“A morte, em' trajes pretos e amarellos,
“Levanta, contra mim, grandes cutellos,
“E as bayonetas dos dragões antigos.”

Agora, adensam-se os crepes da tristeza de Augusto. E' que, mais propriamente, é o elemento subjectivo, numa introspecção fundissima, que vae falar. E vêde quanto o mesmo mal, que o trabalhava, impiedoso, o affligia, nestes versos, onde o soffrimento attinge uma grande, angustiada e exasperada dor intima, a correspondente, talvez, daquelle “grito desesperado da sua fatalidade physiologica”, de que nos fala um critico de Augusto:

«Oh! desespero das pessoas tisicas,
«Adivinhando o frio que ha nas lousas,
«Maior felicidade é a dessas cousas,
«Submettidas apenas ás leis physicas.

«Estas, por mais que os cardos grandes rocem
«Seus corpos brutos, dores não recebem;
«Estas dos bacalhaus o oleo não bebem,
«Estas não cospem sangue, estas não tossem!

“Descender dos macacos catarrhineos,
 “Cahir doente e passar a vida inteira
 “Com a bocca junto de uma escarradeira,
 “Pintando o chão de coagulos sanguineos!

“Sentir, adstrictos ao chimio-tropismo
 “Erotico, os microbios assanhados
 “Passearem, como innumeros soldados,
 “Nas cancerosidades do organismo!

“Falar sómente uma linguagem rouca,
 “Um portuguez cansado e incomprehensivel,
 “Vomitar o pulmão na noite horrivel,
 “Em que se deita sangue pela bocca!

“Expulsar, aos boccados, a existencia,
 “Numa bacia automata de barro,
 “Allucinado, vendo em cada escarro
 “O retrato da propria consciencia!

“Querer dizer a angustia de qué é pabulo,
 “E com a respiração já mu'ito fraca,
 “Sentir como que a ponta de uma faca,
 “Cortando as raizes do ultimo vocabulo!

“Não haver therapeutica que arranque
 “Tanta oppressão, como se, com effeito,
 “Lhe houvessem saccudido sobre o peito
 “A machina pneumatica de Bianchi!

“E o ar fugindo, e a Morte a arca da tumba
 “A erguer, como um chronometro gigante,
 “Marcando a transição emocionante
 “Do lar materno para a catacumbá!»

Alguem—Tasso da Silveira—escreveu, de Augusto, que a sua visualidade era uma sorte de projecção do proprio mal; que lhe consumia alma e

corpo. "Em tudo e em todos, diz Tasso, descobria vestigios da doença triumphante. Era uma tuberculosa universal, a que a sua phantastica imaginação creadora lhe pozera diante da consciencia apavorada. Por esta forma, nem o consolo lhe restava de se alegrar do alheio bem, nem pedir á Natureza um pouco de coragem. Porque elle fizera do seu mal o mal de todos e de tudo." Assim é, com effeito, quanto á só observação do facto em si. Tasso se ilude, porém, querendo explicar as causas pelo factor *volitivo* do poeta.

Antes, elles se explicam á luz da doutrina, que busca, na cænesthesia, a origem dessa refracção do mundo exterior, através da personalidade. Opportunamente, tornaremos a essa questão. Aqui, não queremos senão frizar aquelle predominio das cores lutuosas que lhe ensombram a obra, mesmo quando se esquece de si, para pintar "objectivamente" o mundo. "A imprecisão, revelada por Augusto, no descrever os phenomenos do mundo exterior, no apañhar, com segurança, os contornos dos objectos, manifesta-se, tambem, na sensibilidade chromatica, em muitos pontos, semelhante á do poeta de Recanati. A palheta de Augusto dos Anjos, como a de Leoparci, é pobre na variedade das cores de que se serve. Releva, porém, notar a predilecção de ambos pelo negro, vermelho e amarelo, empregados por Leopardi, respectivamente, 66, 34 e 9 vezes, e, por Augusto, 23, 9 e 7 vezes." (Alvaro de Carvalho). Tal, é bem a obra de Augusto, sob esse aspecto. O mundo

lhe não offerece, aos olhos, mesmo passageiramente, nenhum espectaculo capaz de impressionar, de modo agradavel, a sua sensibilidade cheia só de tedios. E elle já aspirava á construcçao de outro, que fosse melhor e diverso deste, e mais respiravel e mais propicio ás exaltações do seu ser angustiado:

«Uma região sem nodoas e sem lixos,»

dizia. Como Antonio Nobre, que não vislumbra, na terra, senão motivos de doloroso confrangimento, em ponto de desejar a propria cegueira á sua amada, porque os não visse,

«Ah! meu amor, antes fosses ceguinha!»

assim, tambem, Augusto divisa uma realidade cheia só de assombros, miserias e grandes torturas. E o mundo, na sua obra, é bem uma tela dantesca, po-voada só de abjecções que nos fazem engulhar, e onde a propria humanidade se lhe antolha regredida á peior condição moral, toda estygmatizada. A sua visão interior não enxerga senão os phantasmas do mal, os principios da desorganisação, os ele-mentos de uma machinária louca, em trepidá-ção de Cháos,—sorte de grande feira ululante e pandemonica, em que se estorce o homem e impreca o Destino. A's suas scismas, só ocorrem os-pectaculos lugubres e terrorosos,—em cortejos pro-cessionaes de cousas hédiondas, onde as mil fórmas do soffrimento humano se casam ás mil fórmas do ascoroso e do fetido, do pestilento e do decomposto. Augusto era um cérebro, positivamente, afinado para as sós concepções do sombrio e do desagradavel—amalgama de Leopardi, Baudelaire e Quental. Dos

seus contactos com a realidade e o mundo exterior, resultam-lhe, por vezes, as allucinações mais typicas, que servem para ilustrar o nosso ponto de vista:

“Mordia-me a obcessão mā de que havia,
“Sob os meus pés, na terra onde eu pisava,
“Um figado doente, que sangrava,
“E uma garganta de orphão, que gemia!»

E elle descobre, noutros instantes, paragens que nunca o próprio genio malsão de nenhum Baudelaire entreviu:

“A doença era geral. Tudo a extenuar-se
“Estava. O espaço abstracto, que não morre,
“Cansara... O ar que, em colonias fluidas, corre,
“Parecia tambem desagr-gar-se!»

Afinal, a exegése de um psychologo irá identificar tudo isso ao mesmo sentimento de tristeza. Será questão, adiante, quando tratarmos do “sentimento de transformação”, que ahi descobrimos. Machado de Assis (excuse-se-nos o nome de um literato, como ilustração de um assumpto doutrinario; a intuição sempre precedeu a sciencia...), Machado de Assis escreveu, algures, “que a melancholia da paysagem está em nós mesmos”. E era assim que Augusto divisava o mundo:

“Negro e sem fim, é esse, em que te mergulhas,
“Logar do Cosmos, onde a Dor infrene
“E feita, como é feito o kerosene,
“Nos reconcavos humidos das hulhas.»

Tristeza roaz, impenitente, sem remedio, a sua. Nem valem esforços nenhuns contra ella:

“Reunam-se em rebellião ardente e accesa
“Todas as minhas forças emotivas
“Para despedaçar minha tristeza.»

Nem valem esforços nenhuns, porque, apesar de tudo, continua o mal, vence o "desanimo negro que o prostra", e impõe-se a sua mesma resignação, e "os braços cruza":

"Meu coração, como um chystal, se quebre,
 "O thermometro negue minha febre,
 "Torne-se gelo o sangue que me abraza!
 "E eu me converta na cegonha triste,
 "Quê, das ruinas de uma casa, assiste
 "Ao desmoronamento de outra casa."»

E elle bem que reconhece a desegualdade dessa lucta, e diz:

"E' natural que esse Hercules se estorça
 "E tombe, para sempre, nessas luctas,
 "Estrangulado pelas forças brutas
 "Do mecanismo que tiver mais forças»

Só lhe resta, pois, acceitar, sem grita, o seu irrevogavel destino de soffrer, que o acompanha "desde a epigenese da infancia", pois a Natureza, essa, o marcou, para toda a vida, com o ferrete da Dor:

"Tu não és minha mãe, velha nefasta!
 "Com o teu chicote frio de madrasta,
 "Tu me açoitaste vinte e duas vezes...
 "Por tua causa, apodreci nas cruzes,
 "Em que pregas os filhos que produzes,
 "Durante os desgraçados nove mezes."»

Mas, as citações se coutam pelo livro inteiro. O "Eu", todo, delata um sentimento de profunda introspecção dolorosa, idéas depressivas reveladoras de uma consciencia que se reconhece, entre assombrada e consumida, a propria ruina e impotencia:

"E tão vasia a minha vida!
 "No pensamento desconnexo e falho,

“Trago as cartas confusas de um baralho

“E um pedaço de cera derretida.”

Tal, a nota geral do “Eu”: de um lado, o homem que soffre, e queixa-se, e delira, e agonisa; do outro, aquelle predominio do sombrio, oriundo da mesma organisação biologica de Augusto. Em summa, tudo uma pessoa, unica e só, que não consegue distrair-se das idéas penosas, que lhe assoberbam o cerebro.

2) Com Séglas, Régis, outros buscam a melancolia em uma perturbação de cenesthesia, a qual dependeria de um máo estado funcional organico. Dahi, como expressão desse estado, cephaléa, insomnia, dyspepsia, alterada percepção do mundo exterior, affrouxamento dos processos ideo-motores. Aqui, tambem, a documentação não peccaria pela parcimonia.

Com effeito, muitas poesias se encontram no “Eu”, que são uma especie de inventario da vida do autor, através manifestações verdadeiramente morbidas. “A sua (de Augusto), a sua vida espiritual affigura-se-me um reflexo intenso dos seus estados physiologicos”, delle observara, já, Alvaro de Carvalho. As suas insomnias, vertigens, estados gastricos, emotividade cardiaca etc., tudo lhe pullula na obra, pagina a pagina.

“Eu, somente eu, com a minha dor enorme
“Os olhos ensanguento na vigilia.”

“Diabolica dynamica daminha
“Opprimia meu cerebro indefeso,
“Com a força onerososima de um peso,
“Que eu não sabia mesmo de onde vinha.”
“Perfurava-me o peito a aspera púa

“Do desanimo negro que me prostra.»

“Soffro acceleradissimas pancadas

“No coração...»

“Eu sinto... a ultra inquisitorial clarividencia

“De todas as neuronas accordadas.»

“Sobe-me a bocca uma ansia analoga á ansia

“Que se eseapa da bocca de um cardiaco.»

“Tristeza de um quarto minguante”, sob esse aspecto, illustra, melhor que outras quæsquer citações, os nossos conceitos, no particular:

.....
“Tenho 300 kilos no epigastro...

“Doe-me a cabeça.....

“Para que essa oppressão desappareça,

“Vou amarrar um panno na cabeça,

“Molhar a minha fronte com vinagre.

.....
“Augumentam-se-me então os grandes medos.

..... “No bruto horror, que me arrebata,

“Como um degenerado psychopatha,

“Eis-me a contar o numero das telhas!

..... “E, aos tombos, tonta

“Sinto a cabeça.....

“Succede a uma tontura outra tontura...

“Vem-me á imaginação sonhos dementes.

.....
“Tomba uma torre sobre a minha testa,

“Caem-me, de uma vez, todos os dentes.

.....
“Figuras espectraes de boccas tronchas,

“Tornam-me o pesadelo duradouro...

..... “Um frio

“Cae sobre o meu estomago vasio,

“Como se fôra um copo de sorvete!

“A alta frialdade me insensibilisa,

"O suor me ensopa. Meu tormento é infindo...

"Minha familia ainda está dormindo,

"E eu não posso pedir outra camisa!"

Tambem, nesse particular, a documentaçao iria longe. Já um critico de Augusto, Alvaro de Carvalho, fazia notar que, através todo o "Eu", se não encontra um só trabalho, no qual não se insinúam, delle, "as emoções doentias que, incessantemente, lhe assediam o cerebro."

Isto resume, diz tudo.

3) Emfim, com Dumas, Krafft-Ebbing, terceiros imputam a uma perturbaçao puramente cerebral, sujeita a alterações nutritivas do cortex, toda a responsabilidade do estado affectivo e symptomas outros de ordem somatica (insomnia, dyspepsia, cephaléa etc.), que se encontram no melancholico. O facto é, pois, do dominio directo da anatomia pathologica, e só por deducções outras, acaso, será permittido proval-o num morto. Como, assim? — E' noçao axiomatica, tanto se não contesta, que não ha cerebro são em pessoa doente. E Augusto, como ressaltará á evidencia, em pouco, foi profundamente doente. Resta-nos só provar, pois, que a sua doença fosse daquellas capazes de, particularmente, produzir uma alteração real na hygida nutriçao do cortex. E é bem que isso se veja, na sua tuberculose, a que pereceu. Ou se explique essa alteração nutritiva, em virtude, simplesmente, de uma acção directa das toxinas bacillares sobre o manto cerebral, ou se explique mediante uma dyscrasia hematica, mais complexa, mercê da qual fosse a massa sanguinea defraudada de uma quota parte do nutrimento e, de igual passo, inquinada de productos

toxicos de uma chimica pervertida (como é o caso nas dyspepsias que, em regra, acompanham doentes que taes)—, a affirmativa procede com todo o acerto, tanto se baseia nas mesmas constatações anatomo-pathologicas. E Souza Martins (e o facto não soffre, em Pathologia Geral, critica possivel), affiança que essas perturbações são tanto mais plausíveis, quanto, ao lado da dyscerasia hematica, comparece a herança pathologica. Ainda esta (provar-se-á), tem inteira cabida em Augusto.

Conclue-se, portanto, que nada custa admittir, no seu caso, a natureza pathogenica que, com Dumas e Krafft-Ebbing, alguns collocam na base da melancholia.

Passemos, agora, ao estudo das causas que fizeram a melancholia de Augusto. Primeiro de tudo, seja confessado que, a bem falar, seria difficult, nesse particular, distinguir, com segurança, causas predisponentes de causas occasionaes. Sem cogitar, pois, da sua importancia, debaixo desse aspecto, cumpre-nos, somente, enumeral-as. Doutra parte, aqui, mais do que causas occasionaes, importa reconhecer bem, e bem frizar, a sua predisposição morbida, pois, averiguada esta, concebe-se, naturalmente, a existencia daquellas. De facto, bem comprovada, a predisposição, por si propria, contenta em Psychiatria, quando se trata de precisar as causas de qualquer entidade. Alienistas, mesmo, e com razão, afirmam que só poderá ser louco aquelle que a trouxer, não importa sob que forma: uma tara, um estygma degenerativo,

uma myopragia nervosa. "Mesmo nas psychoses ditas secundarias, escreve Apert, a predisposiçao devida á hereditariade desempenha um papel importante." Por consequencia, é no sentido de factores que, no seu resultado final, fizeram a loucura de Augusto, que vamos, agora, tratar das causas. E' verdade que, a quase toda a gente, que escreveu sobre o autor do "Eu", posto que muitos, em certa maneira, desconfiam da normalidade do seu espirito, Augusto dos Anjos se conservou, até a morte, a salvo de qualquer affecção mental, ao menos declarada. Raul Machado declarou mesmo, alhures, que, por pouco, o poeta parahybano não teria penetrado as portas da loucura. A seu turno, falando do "Eu", conceituava Alvaro de Carvalho: "Será, antes de tudo, uma obra para medicos." Ahi, porém, nesta maneira de ver daquelles que não vislumbraram a sua verdadeira psychideade alterada, não ha que reconhecer senão um erro commum, qual a comprehensão do vulgo, da loucura. Os profanos, de facto, só enxergam loucura, lá onde existe um desarranjo, digamos grosseiro, da intelligenzia, um delirio da razão, como se todas as faculdades não fossem passiveis de desvio e, portanto, de delirio. Alguns annos, 3 a 4, antes de falecer Augusto, escrevia, por exemplo, Santos Netto, estas palavras, em que tal erroneo preconceito se patenteia em toda a eloquencia: "O que faz com que eu não observe, nas manifestações do seu "eu", o phe-nomeno de uma psychose, é que elle permanece em pleno vigor das faculdades intellectuaes, raciocina, e tem a consciencia absoluta dos seus actos." Ora, a

verdade é que, como nos conceitos de um psychiatra eminente, "tão desviado se colloca do typo normal o maniaco incoherente que declama palavras sem sentido e sem nexo, como o melancolico consciente que, apreciando embora o seu estado, se mergulha em absorventes preoccupações tristes, que o fazem derramar lagrimas sem motivo, lhe tiram o alento, a iniciativa do trabalho, reduzindo-o a uma completa inacção absurda." No particular da predisposição, explica-se, a todas as luzes, o caso do poeta do "Eu". Os seus contemporaneos, de facto, atestam todos o seu ar reconcentrado e sombrio, sem intermittencias. Aliás, a confissão disso, fala o proprio Augusto, dizendo-se "profundissimamente hypocondriaço". Assim já era elle para os annos academicos (1907), como depõe José Americo de Almeida; para 1910, como informa Presciliiano Silva; para 1912, como assevera Alvaro de Carvalho. Orris Soares, fala-lhe da phisionomia "por onde erravam tons de catastrophe." E José Americo: "Augusto era um mysantropo — dessa mysantropia, que é o refugio espiritual dos torturados." E Alvaro de Carvalho diz delle: "Em 1912, o encontrei, no Rio de Janeiro, ainda e cada vez mais dominado pela idéa de morrer. Sua conversação, pouco espontanea, era sombriamente imaginosa." E Presciliiano Silva, que com elle viajou, por volta de 1910, para o Rio, alludiou-nos, precisamente, a este facto, —o que mais lhe chamou a attenção para o autor do "Eu", a par do seu physico desengonçado, foi o seu aspecto sempre taciturno, que assim se conservou tal,

durante o largo tempo, que ainda o viu, na Metrópole.

Quando, aos 16 annos, simples preparatoriano, Augusto dava já na vista, pelas suas excentricidades e maneiras. O physico, a essa epoca, na descriptiva de Orris Soares, lembrava as apparencias de um passaro molhado, todo encolhido com medo da chuva.. Por esse tempo, o mesmo Orris vae encontral-o, certa feita, na sua casa, a passear de um canto a outro do sala, gesticulando e monologando, tão enterrado nas suas cogitações, que, só minutos depois, deu acordo da presença do visitante. E, já academico, e depois, não se lhe modificaram os habitos. Antes, mais se lhe accentuaram os modos macambusios, o seu ar reconcentrado. Attente-se, então, para o seu natural retrahimento ao convivio dos outros. José Ameríco de Almeida explica-o: "Era de uma grande sensibilidade. E, talvez devido a esse temperamento, evitava o convivio dos outros companheiros de "república", no Recife." Em qualquer maneira, uma prova de sua natureza desconfiada e molesta, e iudice porventura, daquella *fraqueza irritavel* dos inglezes, traduzindo uma extrema facilidade de vibração neuronica, posta em ação ao influxo de causas de valor minimo. E é possivel que isto mesmo corroborem estas palavras de Alvaro de Carvalho: "Era cioso de sua dignidade, altivo, moralisado por indole e por principios." Nessa epoca, o anno inteiro vivia mettido lá para o seu Engenho "Pau D'arco", só rumando a Escola, por occasião dos exames. E, já então, declamava:

"Esta desillusão que me aenbrunha
 "E' mais traidora do que o foi Pilatos!
 "Por causa disto, eu vivo pelos mattos,
 "Magro, roendo a substancia cornea da unha."

Da mentalidade de Augusto, uma nota que muito sobressaiu foi a sua impulsividade. Com uma unanimidade grande, frizam-na os que com elle privaram, tanto que tocam nas características do seu temperamento. Sabe-se quamanha é a importancia da impulsividade, no ponto de vista psychiatrico. Alienista de prol, nessa perturbação da psychidade, vão buscar, mesmo, o signal verdadeiramente pathognomónico das degenerescencias, tanto os estygmas outros, de ordem phisica, são falazes." Pode-se até dizer—são palavras de Régis — sem medo de erro, que o que caracterisa essencialmente a degenerescencia, o que lhe dá o sainete e o estygma fundamental, é a impulsividade." E Augusto foi um impulsivo. Santos Netto, a esse respeito, se pronuncia com bastante positividade, narrando o seguinte facto: "Causou-me especie, uma occasião, depois de uma pilheria inoffensiva, o seu explodir contra um advogado de talento que o admirava. O poeta, numa indignação subita, volta-se para o amigo e, entre arremessos intempestivos, diz, rompendo as antigas relações: «Engana-se, não seja tolo, mesmo acocorado no infimo que sou, só lhe reconheço o merito da ancianidade. Vi-o, horas após, arrependido desse inconveniente." Outro, seu amigo de todas as horas, também informa, de pleno accordo: "O Augusto era um exquisitão. De apparencia timida, era, entretanto, um impulsivo."

Creatura assim, comprehende-se que fosse bem a corporificação daquella instabilidade e daquelle desequilibrio, que constituem para Magnan e seus discípulos as notas dominantes da vida mental dos carregados psychieos. E ainda Santos Netto informa: "Augusto é um espirito cheio de contrastes. Às vezes, está tão possuido de uma exagerada irritabilidade de humor, que se exarceba ante o mais pueril incidente. Ha nello mutações rápidas, perturbações psychicas denunciadoras de um verdadeiro estado de nevrose".

E' evidente, que tudo isto seria bem pouco se, somente com esses elementos, quizeramos afferir do grão de anormalidade mental de Augusto dos Anjos. Referindo esses factos, o que queremos é, apenas, pôr em relevo, as mesmas demonstrações de um psychismo diverso, excentrico, permittindo, porventura, afirmação de um estado de alienação; mas, não "causas", propriamente ditas. Estas, porém, existem, realmente. Reconheça-se, logo, o factor hereditario. Se bem que pouco lograssemos colher de referencia á genealogia de Augusto, uma cousa é certa, todavia: esse factor existiu. (*)

As allusões se multiplicam a esse respeito. De Alvaro de Carvalho, é este passo: "A tara hereditaria, que lhe parecia vir da "alma crepuscular da sua

(*) Os preceitos de deontologia medica obrigam-nos, nesse ponto, a sermos reservados, enquanto que possuamos interessantes documentos, que demonstrariam, a contento, a procedencia da allegação no particular.

raça", na realidade, não era mais do que os syndromas pathognomonicos da fraqueza congenita de herança individual." (*)

Da biographia de Augusto, tira-se, tambem, que, desde muito cedo, fôra votado a uma vida intellectual intensissima, acaso pelos rigores de exigencias paternas menos justificaveis. Encontramos uma allusão a essas penas, na seguinte quadra:

"No tempo de meu pae, sob estes galhos,
"Como uma vela funebre de cera,
"Chorei, billhões de vezes, com a canseira
"De inexorabilissimos trabalhos."

Os seus reaes labores intellectuaes, na infancia, não merecem contestados, em face, mesmo, do seu solido patrimonio mental, ainda em annos muito jovens. Assim, aos dezeseis annos, era já um estudante que, no Lyceu parahybaño, impunha-se uma fama de grande preparo, pelos seus brilhantissimos exames. "O aspecto physionomico então alertado, e o desembaraço nas respostas ás perguntas, annunciam a qualidade do estudante. Cada acto prestado, valia por uma affirmação de talento..." (Orris Soares). Nem se diga que exageramos a influencia de um tal factor.

(*) Augusto dos Anjos foi, ainda, com todas as probabilidades, um doente congenito, segundo a distincção que faz, entre doenças congenitas e hereditarias, o Prof. Gonçalo Moniz. Na informação que nos ministrou pessoa autorizada, antes de vir á luz, sofrera as influencias de molestia infecciosa que lavrara o organismo materno e o combalira. E por isso, logo cedo, tivera por ama de leite, uma escrava. As deduções clinicas desse facto são, pois, duplas: influencias maternas e influencias do individuo nutriz. Não esquecer o «quantum» de taras que pésava sobre os elementos africanos que primitivamente nos povoaram o solo. Tra-

E' tratando-se de individuos como Augusto, que mais sobrelevam os beneficios da Eugenia. Nessa ordem de idéas, escreveu Miguel Bombarda: "E' preciso medir os cerebros, gradual-os no ponto de vista de sua energia, e só então sujeitá-los ou não, á enorme sobrecarga que constituem as modernas necessidades da instrucção, sempre mais exigente, sempre mais excessiva para cerebros em desenvolvimento." E noutra parte: "Daqui, quantos que succumbem, quantos, cujo cerebro, já combalido, acaba por se deteriorar, quantos que, numa existencia mais tranquilla, viriam a dar uteis cidadãos e que, esporreados na lucta, acabam por deixar exgottar o pouco que já possuam e por cahir na imbecilidade e no idiotismo, senão em plena loucura!"

A Augusto, pois, teria faltado a educação physica, não no mau sentido, que suppõe, apenas, os exercícios gymnasticos e acrobaticos, senão no que suppõe, ainda e sobretudo, a Hygiene.

Taes factores não são dispiciendos, que dizem com a puericultura. Outròs não foram, realmente, os

tando dos erros da nossa educação physica, referiu-se José Verissimo, na «Educação Nacional», áquelle erros, decorrentes do facto, assás communum, no Imperio, de confiarem as mães o aleitamento dos filhos ás amas africanas, já de si mesmas, oneradas de herança mórbida e habitos viciosos. Fica, pois, registado mais esse factor morbido da mentalidade do poeta do «Eu», para mais que esse um uso bastante generalizado, naquelles tempos. E, depois, a interferencia de factores, como estes, offerece-nos uma explicação razoavel, e scientificamente certa, para o facto de que, tendo tido quatro irmãos—os drs. Arthur, Aprigio, Odilon e Alexandre dos Anjos—fosse Augusto o unico sobre quem pesassem as manifestações morbidas de que aqui cogitamos. Impressiona-nos isto—e quantos mysterios se entreveem alem!

que fizeram a miseria organica daquelle não menos soffredor Leopardi, que, elle proprio, escreveu: "Ar-ruinei-me com sete annos de estudo louco e desesperadissimo, no tempo em que se me ia formando e se me ia consolidar a compleição." A esse igual respeito, pergunta-se Augusto:

"E foi então para isto que esse doudo
"Estragou o vibratil plasma todo
"A' guisa de um fakir, pelos cenobios?
"Num suicidio graduado, consumir-se
"E após tantas vigilias, reduzir-se
"A' hierança miseravel dós microbios!"

Demais disso, e mais posteriormente, a natureza mesma das suas leituras mais avançadas, de caracter racionalista, materialista e ardua philosophia, era de molde a fazer-lhe o temperamento sceptico e sombrio, que o distinguiu. As seguintes palavras, de Alvaro de Carvalho, muito bem precisam este aspecto da nossa analyse: "Nas bizarrias do seu estro, no desconcerto da sua vida mental, no turbilhão dos phantasmas que creou, pode a gente identificar o filho retardado do pessimismo philosophico, que varreu, como um sopro de morte, o mundo do pensamento, do primeiro aos ultimos dias do seculo XIX. Philosophico, disse eu, e bem melhor poderia dizer psychophilosophico, porque um pessimismo philosophico, por sua natureza mesma, seria, quando muito, uma attitude postica diante do mundo dos phenomenos e um motivo futile e risivel para declamações choramingas de poetastros sem valor."

E Alvaro explica: "Nelle se chrystalisaram nevroses ancestraes e a herança espiritual de tres gerações de nevroticos de genio. Aquellas prepararam-lhe o organismo; alheio, por educação, aos correctivos da moderna pedagogia, esta deu-lhe a chave da propria vida, insuflando-lhe, no espirito, a philosophia para a qual devia, por força de inelutavel fatalidade pathologica, gravitar, na construcção bizarra da sua complicada ideação." Essa philosophia, é toda aquella concepção que, por assim dizer, lhe impregna as idéas e o raciocinio de um materialismo doentio e pleno de negações, que o faz ver em tudo, já

"Embryões de mundo que não progrediram,"
já

"O imperio da substancia universal."

Que a sua formação intellectual concorreu, em muito, para o seu mesmo feitio psychologico, não padece discussões. Tasso da Silveira deu-lhe capital importancia: "Mas, o grande mal foi ter reunido a essa doença (a sua doença) a educação espiritual que menos lhe convinha, bebida nas fontes do mais orthodoxo philosophismo materialista." (*)

E nem se argúa um tal juizo é inaceitavel, pois é certo que, nessa questão das influencias culturales, a cousa pende muitíssimo das particularidades individuaes, tanto aquellas desviam e conturbam as mentalidades, tão mais facilmente, quanto mais impressionaveis se mostram á germinação das suas idéas.

(*) E nosso o parenthesis.

E' o caso de Augusto, como frisou Alvaro. Mas, ahí está que o proprio Augusto reconheceu os resultados das suas mesmas prodilecções, que o conduziram, tão cedo, ao seu pessimismo devastador:

“Quiz comprehendendo, quebrando estereis normas,
 “A vida phenomenica das formas,
 “Que, eguaes a fogos passageiros, luzem...
 “E apenas encontrou, na idéa gasta,
 “O horror dessa mechanica nefasta,
 “A que todas as coisas se reduzem.»

Max Nordau não hesitaria em catalogar, a Augusto, no numero das suas degenerescencias,—elle que vira a etiologia da literatura do seculo que findou, já ao declinar deste, através as suas manifestações bizarras, atormentadas e cheias de requintes, elle que a vira, na propria surmenage intellectual que onerava os espiritos da epoca. E elle, naturalmente, que foi, pelo visto, um estafado cerebral. Santos Netto e Orris Soares, sobre esse ponto, insistem com um certo descortino, como se deixassem entrever, ahí, a importancia real que, do lado psychologico, o facto encerra. Santos Netto foi, mesmo, mais longe, tanto que já collava aos seus excessos cerebraes, esse “algo de desequilibrio», que lhe observava.

Consideremos, pois. Havia, por assim dizer, um verdadeiro cyclo vicioso, no caso de Augusto. A sua educação espiritual, como vimos, ter-lhe-ia como que pervertido ou compromettido a mentalidade, e o impulsionado á doença, physica e psychica. Declarada

a doença, eram, ainda, os livros, a sua fonte de consolação, tanto que dizia:

“Para illudir minha desgraça estudo...”

Mas, se, dahi, lhe advinha algum consolo real, isso é que, bem apreciado, só pode ser uma enganadora apparencia, pois as suas leituras lhe não haveriam de proporcionar senão uma causa de aggravamento do proprio mal irremissivel. Nesse sentido, foi que Alvaro de Carvalho o chrismou de “filho retardatario do pessimismo philosophico”. Com Augusto dos Anjos, o mesmo ocorreu que a Leopardi, de quem, estudando a dupla ordem de factores que estudâmos, —uns, puramente biologicos. outros, puramente intellectuaes, derivados das suas leituras, da sua formação espiritual, —disse um notavel critico: “De tal modo o formou a Natureza, de tal modo o completou o mundo, que elle nos apparece como um desses antigos predestinados, que marcava irrevogavelmente o sello fatidico, e que tinham, não só o dever, mas a propria vocação do soffrimento”. E o parallelismo é perfeito, entre os dois torturados espiritos. Teve, tambem, Leopardi, aquella indole reconcentrada e seria desde era creança, que elle mesmo reconhecia “muito propensa á melancholia”. A infancia decorreu-lhe, igualmente, em meio aos livros, na bibliotheca do proprio Pae, em severos, aforçurados estudos. Ném exercicios, vida ao ar livre, brincos da infancia, atrações para os gratos e confortadores prazeres da existencia. Como Augusto, de quem dizia José Americo de Almeida que, em plena mocidade, possuia “a disci-

plina de todas as humanidades", — também Leopardi, foi assim precoce no ostentar um espirito erudito e forte, a quem tanto seduziam os vôos dos poetas, como as verdades scientificas e as generalisações ou-sadas dos philosophos... E, se Leopardi confessa que o "menor prazer o mataria", cousa semelhante diz Augusto, ao confessar que...

....: "a alegria é uma doença
"E a tristeza a minha unica saude..."

Não padece duvida, em face do acima exposto, que Augusto fosse um individuo predisposto á loucura. Agora, até onde a simples predisposição cede o logar á propria doença, isso é que é mais porfioso de averiguár. No dominio dos factos puramente emotivos, Augusto passou por transes, — alguns dos quaes bem duros. Um delles foi, certamente, a morte do Pae, seu maior amigo, e de quem parece ter sido o filho predilecto. Demais disso, em um meio restricto, qual o em que viveu, a Parahyba, sempre lhe doera, na lucta das competições, não depender do merito proprio as conquistas alcançadas, vivendo, por assim dizer, asphyxiado na propria terra do berço. E, um dia, rompeu com o Governo, rumando outras paragens. (*) Tendo casado, ao que referem, sem meios seguros de

(*) Em materia de favoritismo official, fôra a regencia interina de literatura, no Lyceu Parahybano, a unica cousa que lhe deram. Pretendendo, um dia, licenciar-se, afim de ir fazer concurso no «Pedro II», negou-lh'a o governador João Machado, allegando que não se consentia esse direito a professores interinos. Seria recusa, baseada em questões de principios, ou favores menos legaes teriam desfructado outros? Não o sabemos. Certo é que com ella não se conformou Augusto, e o rompimento foi subito.

vida, as difficuldades moraes foram grandes, que o acompanharam, por toda a parte. Tudo isto, quando ia na casa dos vinte e poucos annos. Das suas decepções no mundo, elle refere algo, no seu bellissimo soneto do "Corrupião":

"A gaiola aboliu tua vontade.
"Tu nunca mais verás a liberdade!
"Ah! Tu somente ainda és igual a mim!
"Continúa a comer teu milho alpiste.
"Foi este mundo que me fez tão triste,
"Foi a gaiola que te pôz assim!»

Doente, parece tel-o sido pela vida toda. Não chegámos a averiguar quaes formas morbidas o teriam fustigado pela existencia. Dos amigos, que o soubessem, acaso, nada colhemos, nesse particular. Tambem a infancia de Augusto e larga parte de sua puberdade—perdem-se no recesso do seu Engenho do "Pao D'arco", no seio da familia, circumstancia que, a par do seu genio reservado, teria concorrido para o desconhecimento de semelhantes factos. "Soffrera immenso" — diz, simplesmente, Raul Machado. Males successivos, ou isolados, ou mero estado nevropathico derivado de seu mesmo legado morbido, não é suscetivel de contradicta esse ponto:

"Soffro, desde a epigenese da infancia,
"A influencia má dos signos do Zodiaco.»

Já aos vinte e dois annos, elle amaldiçoa a Natureza, que o houvera flagiciado, quantos annos vivera até ali. Eis, ahi estão causas que, ainda inde-

terminadas, deixam entrever, e, porventura, satisfazem, as condicionantes do estado psychologico de Augusto.

Agora, attente-se para uma cousa, que, só por si, explicaria toda a melancholia de Augusto—a tuberculose, a que pareceu. Nem se diga, consoante pensa muita gente, que esta só se lhe manifestou já para os ultimos annos da sua vida, e que, por isso, ella não explica toda a sua melancholia.

Ao contrario, a sua tuberculose foi, de certo, muito mais precoce do que realmente se pensa. Já, aos 23 annos, allusões clarissimas, na sua obra, existem, da terrivel doença. Assim, em "Scismas do destino", e outras poesias. Aos que, todavia, nos arguirem que uma tal causa se não pôde invocar, como elemento seguro, dado que não podemos delimitar a epoca da sua actuação, responderemos que, sobre a não termos allegado, sem certo fundamento, entendemos que ella inexclue a participaçao que possa imputar-se a outras causas, concomitantemente, nas origens da sua psychose apontada — a melancholia.

Da leitura do "Eu", de facto, resalta a obcessão de um mal que o affligia chronicamente, sem remedio. Esse traço, corroborado com o diagnosticó da propria doença que o victimou — a tuberculose, — não parece evocar outra causa em jogo, senão esta infecçao. Demais disso, Rankl assentou, definitivamente, que o periodo de tuberculisaçao corresponde a uma phase de evoluçao já tardia da molestia em apreço, a qual, então, tem já atravessado dois periodos perfeitamente caracterisados do ponto de vista anatomo-pathologico.

A' tuberculose, pois, convém a imputabilidade, que lhe demos, de causa efficiente (tanto satisfaz, integralmente), da melancolia expressa na obra do autor parahybano. E os mesmos factos concordam com essa causa: a sua fragilidade organica, a sua obsidencia da morte e de um mal sem treguas, que o minava; e as suas frequentes allusões a estados tuberculosos, feitas ainda em edade muito joven, e tambem a propria feição melancolica do seu estado mental. Tudo expressa-a e põe-na á base da sua melancolia, sem esforço. Com effeito, tuberculose e melancolia se entrelaçam muita vez. Bienvenu, no curso de granulias tuberculosas, publicou três observações no particular. Pois, podemos dizer, desde já: a melancolia de Augusto terá derivado da sua tuberculose, ou quando não fosse somente desta, ao menos, como fúrreção della, a titulo de factor efficiente. Por outras palavras: Augusto, foi melancolico, porque foi tuberculoso, sem que queiramos dizer com isto, comprehende-se, que o mal de Kock seja condição obrigada da melancolia. Pensamos, mesmo, com Grancher, que a tuberculose não agirá como factor de psychose, senão no sentido de accentuar uma tara natural, que evolue, ás mais das vezes, conforme a propria natureza moral do individuo, ou os pendores proprios do temperamento. Assim, para um caracter morbidamente triste, qual o era o de Augusto ("nunca lhe ouvi um riso franco, nem a alegria, parece, iluminou jamais aquelle rosto"—delle dissera Alvaro de Carvalho)—o resultado da melancolia, na concepção

do mestre francez, é tudo o que é mais comprehensivel. Tanto vale dizer que, sem as suas predisposições mentaes e de herança morbida, a sua tuberculose, porventura, não teria dado logar a sua melancolia. E esta é bem, no juizo de Pegurier, de Nice, a consequencia: obrigada da tuberculose, já quando a cachexia consumptiva venceu as ultimas resistencias oppostas, até alli, pela economia, á infecção. "Succede então, diz elle, um estado de inconsciencia apparente, de resignação passiva, de inercia, que só a febre consegue, ás vezes, abalar". Tambem não seria uma razão sufficientemente forte (quando isto bem apurado fosse), que a tuberculose de Augusto não pode explicar a sua melancolia, visto como só lhe teria advindo mais tarde. "Pode-se ver, escreve Masselon, a melancolia marcar o inicio da affecção". A questão é, aliás controvertida, sob um certo aspecto: não se sabe, cabalmente, qual precede uma a outra, se a melancolia á tuberculose, se esta áquella. Ora, o nosso interesse, aqui, é somente justificar o noso diagnostico, acima feito, dentro no qual melhor parece, dissémos, ajustar-se o o caso de Augusto. O que nos interessa, pois, é essa independencia em si mesma, que nos basta áquelle fim.

Se tanto insistimos acerca do papel da tuberculose, em Augusto, é por um duplo motivo: de um lado porque nos fallecem dados mais seguros, aqui e ali, sobre as outras causas morbidas què teriam actuado nelle, e que todavia temos como reaes; do

outro, porque a tuberculose, além de explicar a sua melancolia, foi tudo o que, de mais positivo, teria influenciado sobre elle, a par da sua herança morbida, como factor pathologico certo. Não que todas essas causas não podessem conjugar-se, realisando um só effeito, no caso—a melancolia. E certo, que assim foi bem.

Como se vê, á conta de semelhantes dados, a melancolia de Augusto entra, perfeitamente, na concepção etio-pathogenica de Joffroy, a saber: o resultado da concorrencia de dois factores—primeiro, um cerebro predisposto, em virtude da sua ascendencia morbida (isto sobretudo), e tambem causas emotivas, intellectuaes e moraes; segundo, um estado organico, que se realisou sob a influencia das causas mais diversas, as quaes, na opinião de Dumas, exercem uma influencia deprimente sobre o systema nervoso e delle provocam um estado de exgotamento, com o qual coincide a plena possessão da psychose.

A concepção mais moderna da etio-pathogenia da melancolia, liga-a a perturbações puramente somáticas (Séglas, Regis). Já afflorámos essa questão, antes. A respeito dessas perturbações, Masselon doutrina "que não ha talvez psychose, em que as perturbações somáticas sejam tão accentuadas, como nesta". E o mesmo, ainda: "Os phenomenos de depressão mental, a preguiça psychica, o enfraquecimento dos processos motores, que acompanham a tristeza passiva, não são provavelmente, elles tambem, senão o resultado das mesmas perturbações actuando sobre o cortex."

E Régis: "A melancholia é, antes de tudo, uma doença da *cenesthesia*". De um modo succinto, essas perturbações podem ser expressas em uma formula: enfraquecimento de todas as funcções physiologicas. (Masselon). Ora, a tuberculose fica admiravelmente a calhar como explicação de todo esse complexo somatico.

Como teria nesse agido, levando-o áquelle estado symptomatico, proprio da melancholia? Esse ponto, leva-nos á mesma genese da *dor moral*; a que, no fundo, se reduz a melancholia. Todos admittem, desde as investigações de Wernick, que, nos territorios de projecção do cortex, são representados os varios órgãos, apparelhos e tecidos do corpo. As mudanças, que soffrem estes ultimos, repercutem no manto cerebral, sob a forma de percepções e imágens correlatas. Assim, pois, alterado o estado somatico, por obra de myopragia ou até fallencia dos elementos anatomicos, de logo o sentimento de bem-estar soffre, consequentemente, uma perversão profunda e se transforma em um estado *cenesthésico* penoso. Esta, a concepção de Capgras, da qual discorda Masselon, num ponto: na condição de accrescentar que os phenomenos de tristeza passiva, o sentimento penoso, que acompanha a depressão geral do organismo, são um effeito, não somente de perturbações somaticas periphericas, mas tambem de perturbações cerebraes, caracterisadas pelo afrouxamento *psychico*".

Parece-nos que o diagnostico de melancholia, dentro no qual queremos classificar Augusto, lhe fica

bem. Não poucos argumentos, uns concretos, outros de ordem um tanto theorica, trouxemos á baila. Se, agora, quizeramos documental-o ainda, com outros extractos do "Eu", longe iríamos demasiado; tanto poderíamos citar o livro todo. A sua concentração dolorosa enche-o, inteiramente. "Bate-se toda, observa Alvaro de Carvalho, e não se encontra um unico trabalho, em que a preocupação da sua individualidade se não misture ás cousas, por emprestar-lhe as emoções doentias que, incessantemente, lhe assediam o cerebro." E que emoções doentias são essas? Tudo, os crepes das suas penas interiores. "No limiar do «Eu» — são palavras de Orris Soares, — se lhe quizerdes experimentar a belleza, despi-vos dos pensamentos folgazãos, que são solertes e traidores... Passem de largo os endoidecidos da alegria, muito de largo". É, tal na melancolia, essa concentração, em Augusto, é bem o resultado das proprias modificações que elle se nota, e tanto que, a cada passo, se volta para dentro de si proprio, como a observar, de uma parte, aquillo que elle chama a "sua ruina", de outra, o cortejo symptomatologico, que lhe trabalha a economia. Em summa, a introspecção, em virtude de uma auto-analyse, oriunda do seu mesmo somatismo precario e doente. Não mais vale esmiuçado, aqui, esse aspecto, tanto a documentação disso já a fizemos, paginas atraç. E porque, por muito clara, a observação salta de quasi todas as composições do "Eu". Muito interessante, sob esse ponto de vista; é aquella sua poesia, "Tristeza de um quarto minguante", onde, "das suas vinte e seis estrophes, nove occu-

pam-se, exclusivamente, em descrever-nos phenomenos secundarios da vida interior e os symptomas reveladores de uma hemicrania provavelmente de origem nervosa". (Alvaro de Carvalho). A consciencia profunda da sua miseria somatica, certo imposta pelas suas mesmas representações sensoriaes, está na base de toda a dor de Augusto. Ainda aqui, já se notou, lucidamente, as verdadeiras razões por que a realidade exterior é quasi vasia ou não occupa senão uma pequena parte, na obra de Augusto. "Essa demasiada sensibilidade de seus centros nervosos superiores, no responderem celeres aos movimentos, anormalmente preponderantes, do grande sympathico, resultou funesta á musa do nosso poeta. O mundo exterior, na variedade infinita das suas fórmas, como fonte inexaurivel de goso, de poesia, não o impressionou grandemente, senão nos seus aspectos mais sombrios". (Alvaro de Carvalho). Tudo, na obra de Augusto, é elle mesmo. Nem nunca se viu titulo, que melhor coubesse a um livro: "Eu".

O livro é, todo assim, intima confissão da sua propria esmagadora impotencia, a certeza da qual lhe não permite illusões, prostrando-o. Tudo deriva della, dessa consciencia. — São a correspondente de semelhante estado, alem das paginas já citadas, as poesias seguintes:

HOMUS INFIMUS

"Homem, carne sem luz, creatura cega,
 "Realidade geographica infeliz,
 "O Universo calado te renega,
 "E a tua propria bocca te maldiz.

“O noumeno e o phenomeno, o alpha e o omega,
 “Amarguram-te. Hebdomadas hostis
 “Passam... Teu coração se desagrega,
 “Sangram-te os olhos e, entretanto, ris!

“Fruto injustificavel dentre os fructos,
 “Montão de estercoraria argila preta,
 “Excrescencia da terra singular,
 “Deixa a tua alegria aos seres brutos,
 “Porque, na superficie do planeta,
 “Tu só tens um direito: o de chorar!»

APOSTROPHE A CARNE

“Quando pego nas carnes do meu rosto,
 “Presinto o fim da organica batalha:
 “Olhos, que o humus necrophago estraçalha,
 “Diaphragmas decompondo-se ao sol-posto.

“E o homem—negro heteroclito composto—
 “Onde a alva flamma psychica trabalha,
 “Desagrega-se e deixa na mortalha
 “O tacto, a vista, o ouvido, o olfacto e o gosto!

“Carne, feixe de monadas bastardas,
 “Com quanto em flameo fogo ephemero ardas,
 “A dardejar relampejantes brilhos,
 “Doe-me ver, muito embora a alma te accenda,
 “Em tua podridão a herança horrenda,
 “Que eu tenho de deixar para os meus filhos!»

O POETA DO HEDIONDO

“Soffro acceleradissimas pancadas,
 “No coração. Ataca-me a existencia,
 “A mortificadora coalescência
 “Das desgraças humanas congregadas.

“Em allucinatorias cavalgadas,
 “Eu sinto, então, sondando-me a consciencia,
 “À ultra-inquisitorial clarividencia
 “De todas as neuronas acordadas.

“Quanto me dóe no cerebro esta sonda!
 “Ah! Certamente, eu sou a mais hedionda
 “Generalisacão do Desconforto...

“Eu sou aquelle que ficou sosinho,
 “Cantando, sobre os ossos do caminho,
 “A poesia de tudo quanto é morto!»

A dor moral, pois, em Augusto, offerece todas as caracteristicas daquelle da melancholia: um estado mental depressivo, intimamente ligado a alterações do somatismo, as quaes reconhece o proprio doente. Conviria, portanto, que, á noçao da mesma dor moral, devesse preceder a funda indagaçao dessas alterações somaticas, das quaes surje, como collorario logico, a dysphoria. Todavia, escreve Masselon, “não ha sentimentos que correspondam a essas alterações, e tudo que se pode dizer, é que ellas se manifestam sob a forma de um mal-estar vago, indeterminado, e um leve grão de inquietaçao”. Expressão, porém, mais clara, dessas alterações da vida organica, é aquillo que se observa de referencia ás chamadas *necessidades*, das quaes a *energia dos instintos* representa a somma, aquellas e estas diminuidas no melancholico. Ora, em Augusto, esse enfraquecimento chega até a uma bem caracterisada abulia, a qual, aqui e ali, reponta em idéas de propria renuncia á vida, como, entre outras, nas seguintes passagens do seu livro:

“O medo, o desalento e o desconforto
“Paralysam-me os círculos motores...”

“Quizera ser, numa ultima cobiça,
“A fatia esponjosa de carniça,
“Que os corvos comem sobre as jurubebas.”

“Quizera qualquer coisa provisória,
“Que a minha cerebral caverna entrasse,
“E, até o fim, cortasse e recortasse
“A faculdade aziaga da memória.”

“Não me incomoda este ultimo abandono!”,

diz, referindo-se á Morte, á qual, de outras vezes, se dirige, como no seguinte passo:

“Na evolução da minha dor grotesca,
“Eu mendigava aos vermes insubmissos,
“Como indemnisação dos meus serviços,
“O benefício de uma cova fresca.”

Entrevê-se-lhe, ainda, a inercia abulica, numa synthese acaso inconsciente do seu estado, nestes versos, em que fala a um “mascarado”:

“E tu mesmo, apôs a ardua e atra refrega,
“Terás somente uma vontade cega
“E uma tendência obscura de ser vivo...”

Ou, também, nestes:

“Ah! porque desgraçada contingencia,
“A’ hispida aresta saxeia aspera e bruta
“Da rocha brava, numa ininterrupta
“Adhesão, não preendi minha existencia?

“Porque Jehovah, maior do que Laplace,
“Não fez cahir o tumulo de Plínio,

"Por sobre todo o meu raciocínio,
"Para que eu nunca mais raciocinasse?»

Indice do seu mesmo desespero da Vida, encerra-se no voto a seguir, com o qual se dirige a um "germen":

"Antes, geléa humana, não progridas,
"E em retrogradações indefinidas,
"Volvas á antiga inexistencia calma.

"Antes o Nada, ó germen! que ainda haveres
"De attingir, como o germen dê outros seres,
"Ao supremo infortunio de ser alma!»

E outras modalidades do mesmo anseio de paz e aniquilamento, insinuam-se-lhe, pelas idéas, como ainda aqui:

"Ai! como é encanta esta volupia boa,
"Que une os ossos cansados da criatura
"Ao seio ubiquitario do Creador!»

"Restava apenas na minha alma bruta,
"Onde fructificara outrora o amor,
"Uma volucional fome interior
"De renuncia budhistica absoluta».

Toda acção, ensina a Psychologia, é o resultado, sempre, de um conjunto de moveis directores, que suprepuja resistencia de outros grupos de moveis oppostos. A Augusto dos Anjos, acaso o seu imperio volucional ainda resistiria a esses pensamentos oriundos de seu mesmo desconsolo consciente. Mas, não ha poder negar, á vista dessas transcripções, uma pronunciada abulia, que anseia pelo proprio termo da

vida. Freio e amparo, para que se vencesse a si mesmo, nessas impulsões do seu desespero, parecia encontrar nos seus sentimentos de Pae, tanto ligava aos seus deveres, no particular, a necessidade de existir, e via nos filhos os proprios liames que o prendiam á terra:

“Sois vós que sustentaes (força alta exige-o),
“Com o vosso catalytico prestigio,
“Meu phantasma de carne passageiro.”

E, como temendo, apesar disso, não resistir ás tentações da morte antecipada, ainda aos filhos exorriava, numa rogativa:

“Dái-me asas, pois, para o ultimo remigio,
“Dái-me asas, pois, para a hora derradeira!...”

Dumas estudou, com profundeza, as dependências que guardam, no individuo, com as perturbações orgânicas, certos sentimentos de impotencia e arruinamento, explicando-os como uma especie de consciencia imposta, naturalmente, pelo grande esforço que é obrigado a despender, ao realizar um movimento qualquer. Ora, o “Eu” pullula de sentimentos tais, como “esqueleto exhausto”, “vital canceira”, que Augusto se attribue, “a maior expressão do homem vencido”, que se diz ser.

“Ah! Certamente, eu sou a mais hedionda
“Generalisação do Desconforto”...”

Por tudo isso, pois, não ha por onde refutar a idéa de uma cænesthesia alterada, em virtude da

qual se originariam todas as suas concepções subjetivas, do cunho de uma perfeita concentração dolorosa. Explica-se bem, assim, a existencia desta, que, de si mesma, e só a só, justificaria o nosso diagnóstico. Mas, outras expressões do "Eu" o solidificam mais ainda. Queremos nos referir, aqui, especialmente, ás suas claras idéas de humildade, que elle manifesta, as quaes possuem as características de uma perfeita micromania; e á sua resignada ágrura, e o tom sombrio, de que reveste as coisas todas, que lhe caem sob os olhos. No particular da micromania, a coisa é em tanta maneira evidente, que se nos affigura u'a mera modalidade da sua declarada abulia, tendo ambas, de commun, isso que derivam do mesmo fundo psychologico, e são ambas a revelação espiritual da sua mesma canceira physica, e retardo das suas actividades psycho-sensoriaes. Expressam-se, a esse titulo, os seguintes extractos do "Eu", como indices muito claros dessas idéas de reducção da propria personalidade:

INSANIA DE UM SIMPLES

"Em scismas pathologicas insanias,
 "E-me grato adstringir-me, na hierarchia
 "Das formas vivas, á categoria
 "Das organisações liliputianas.

"Ser semelhante aos zoophytes e ás lianas,
 "Ter o destino de uma larva fria,
 "Deixar, emfim, na cloaca, mais] sombria,
 "Este feixe de cellulas humanas.

“E, enquanto arremedando Eolo iracundo,
 “Na orgia heliogabalica do mundo,
 “Ganem todos os vicios de uma vez,

“Apraz-me, adstricto ao triangulo mesquinho
 “De um delta humilde, apodrecer, sosinho,
 “No silencio da minha pequenez!»

Fartar-nos-iamos de exemplos. Bastem-nos mais alguns.

Tal lhe fala uma voz, traduzindo “o echo particular do seu destino”:

“Poeta, feto malsão, creado com os succos
 “De um leite máo, carnivoro asqueroso,
 “Gerado no atavismo monstruoso
 “Da alma desordenada dos malucos;

“Ultima das criaturas inferiores,
 “Governada por atomos mesquinhos,
 “Teu pé mata a uberdade dos caminhos
 “E esterilisa os ventres geradores».

“Mas, reflectindo, a sos, sobre o meu caso,
 “Vi que, igual a um amneota subterraneo,
 “Jazia atravessada no meu craneo,
 “A intersecção fatídica do atraso».

“A podridão me serve de evangelho.
 “Amo o esterco, os residuos ruins dos kiosques,
 “E o animal inferior que urra nos bosques,
 “E’ com certeza meu irmão mais velho!»

“E via em mim, coberto de desgraças,
 “O resultado de biliões de raças,
 “Que ha muitos annos desappareceram!»

“Para onde vou (o mundo inteiro o nota),
 “Nos meus olhares funebres, carrego
 “A indifferença estupida de um cego
 “E o ar indolente de um chinez idiota!»

“Anhelava ficar um dia, em summa,
 “Menor que o amphioxus e inferior á tenia,
 “Reducido á plastidula homogenea,
 “Sem differenciação de especie alguma.»

“Era (nem sei, em synthese, o que diga),
 “Um velhissimo instineto atavico, era
 “A saudade inconsciente da monera,
 “Que havia sido miuha mae antiga.»

“Hoje que apenas sou materia e entulho,
 “Tenho consciencia de que nada sou!»

“Os cachorros anonymos da terra
 “São talvez os meus unicos amigos.»

“Quizera antes, mordendo glabros talos,
 “Nabuchodonosor ser no Pão D'arco,
 “Beber a acre e estagnada agua do charco,
 “Dormir na mangedoira com os cavallos!»

J. Séglas elucidou, fazendo a psychologia do melancholico, o donde dessa humildade e dessa resignação. Já voltaremos á questão, adiante. Doutra parte, é ainda da genese psychologica do melancholico, o porque das tintas lugubres de Augusto. “Este véo de que o melancholico recobre todas as cousas, não é senão a sua propria tristeza interior, através da qual se refractam todas as impressões antes de chegar á consciencia”. (Masselon). Sob esse aspecto, a melancholia de Augusto reveste todos os tons que

se extremam de um verdadeiro delírio de transformação. Sim, aquella visão embaciada e disforme que elle possuia do mundo externo, essa não é, nenhuma mente, o resultado de uma imaginação preciosa, caprichosa, e conscientemente, e deliberadamente, votada a uma pintura estranha das coisas de fóra. Era, ao invez, a propria e natural objectivação de impressões sensoriaes, realmente experimentadas. Na opinião de Masselon, no tocante ao modo como interpreta o sentimento de transformação da realidade, "é elle o resultado de perturbações da percepção externa, a derivar, de uma parte, de perturbações das imagens mentaes e da sensação, e da outra, da tonalidade affectiva, que acompanha cada uma das nossas percepções." Como quer que seja, uma visão normal não controlaria, debaixo dos aspectos que do mundo nos apresentou Augusto, aquelles scenarios verdadeiramente phantasticos que lhe enchem o livro inteiro. José Americo de Almeida, com fina argucia, entreyiu a natureza puramente psychologica do facto: "Não sei, diz elle, não sei que desgraça dalma ou do organismo fragil lhe escurecia a visão dos homens e das coisas e lhe negava a alegria de viver — quiçá o morbus traiçoeiro que lhe minava a pobre economia. Se, muita vez, elle estirava o olhar claroscuro do *eu* para espreitar a vida exterior, se encolhia, para logo, num gesto aborrecido, como quem bate janellas na imminencia de um escandalo." Mas, dir-se-á que pairamos só num terreno de pura juxtaposição theorica, por isso mesmo que falta o documento autoral. Ei-lo, aqui está, em deis versos, apenas, nos

quaes, todavia, se revela, com uma claridade intensissima, aquelle estado interior, que é a properja base do sentimento de transformação:

“Profundissimamente hypochondriaco,
“Este ambiente me causa repugnancia».

Em cousas, porém, de idéas delirantes, é no particular das de auto—acusação e connoxas, que elles avultam na obra de Augusto, como a observação já frisou Alvaro de Carvalho, ao se lhe referir a “este rebaixamento da propria individualidade.” Ora, Séglas, no importante estudo que traçou do delirio melancolico, entre os caracteres que lhe assinala, põe em relevo, precisamente, este: o de humildade, que constitue o delirio de igual nome, em dados casos. “Em dados casos”, frisámos, porque a “humildade” é o proprio do melancolico, mesmo o que não delira,—não derivasse ella, na linguagem de um psychiatra proiecto, do sentimento penoso de impotencia psycho-physica, de incapacidade pensante e de accão, da pessoa. Todavia, o verdadeiro delirio de humildade existe, o qual ocorre, exactamente, nos casos em que o doente, assoberbado pela idéa da propria inferioridade, mental e physica, que ambas reconhece, dá para negar-se o menor valimento, ou poder realisador. Destarte, consuma-se aquella tentativa de explicação, que Griesinger assignala, no delirio melancolico, quando affiança que, surgindo secundariamente aos symptomas, esse delirio, voluntaria ou automaticamente, é uma applicação do principio de causalidade, tendo o colorido do fundo moral ou

mental, e em summa psychologico, que já primitivamente apparentava o individuo.

Tal, em Augusto. Deve reconhècer-se, de facto, que essa modalidade, que nelle tomou o delirio mlancholico, muito explicavel é, em face da sua mesma condição intellectual, considerando-se, como quer Julio de Mattos, que, nesses doentes, o delirio corresponde a "uma adequada expressão ideativa." Com effeito, homem votado; desde os mais tenros annos, a uma vida de intenso cultivo espiritual, que lhe houvera despertado, naturalmente, na esphera das realisações da intelligencia e do puro pensamento, a ambição das conquistas superiores humanas, com fama, gloria e nome,—grande houvera de ser, por força, a sua dor, ao sentir que lhe não permittia a sua precariedade de natureza, realisar o seu sonho de dominação e victoria, no mundo moral e intellectual. Daqui, as suas idéas de auto-accusação, de humildade. Já enumerámos varias dessas idéas, quando pozemos em destaque a micromania de Augusto. Eis, estão outras affirmações do mesmo sentimento, a fortalecer o nosso asserto:

"Minha hybridez é a summula sincera
"Das deffectividades da substancia."

..... "Minha alma é um mixto
"De anomalias lugubres. Existo,
"Como o cancro, a exigir que os sãos enfermem."

"Ai! não toqueis nas minhas faces verdes,
"Sob pena, homens felizes, de soffrerdes
"A sensação de todas as misérias."

“O corvo que comer as minhas carnes,
“Ha de achar nellas um sabor amargo.»

..... “Ataca-me a existencia
“A mortificadora coalescencia
“Das desgraças humanas congregadas.»

“Ah! Certamente eu sou a mais hedionda
“Generalisação do Desconforto.»

“Vejo, como nenhum outro homem viu,
“Na amphygonia que me produui,
“Nonilhões de moleculas de esterco.»

E' para notar, a espacos, a natureza *divergente* que se trae nessas idéas de Augusto, neste sentido de que elle se julga bem a fonte de males capazes de fazer victimas em terceiros, e todo o responsavel de possiveis desgraças (idéas, delirio de enormidade?), traço este muito frequente na psyché do melan-cholico.

Que modalidade teria tomado, em Augusto, a melancholia? Alguma coisa fala em favor da lypemania. Como se sabe, esta é a correspondente de um estado angustioso, oriundo da propria certeza, que o individuo tem, de que os suas idéas e sensações se realisam em maneira «indiferente», quer dizer, sem que lhe sejam nem agradaveis, nem penosas. A certeza dessa situação assombra o doente, pois, em consciencia, sabe e se recorda que, «antes», assim não era. Num grão maximo, surge aquelle estado, dito “anesthesia psychica dolorosa” — o que tanto importa dizer que, com taes caracteristicas, elle não é inseparável no lypemaniaco. Antes, a só e bem

caracterisada introspecção é que constitue o proprio fundo dessa modalidade. Transparece a convicção dessa auto-analyse, acompanhada daquelle sentimento de mudança interior, a que alludimos, em muitos trechos do "Eu". Aqui vão alguns extractos, nesse particular:

"Em gyro e redomoinho em mim caminham
"Rispidas maguas estranguladoras,
"aes quaes, nos fortes fulchros, as tesouras
"Bronzeas, tambem, gyram e redomoinham!»

"Tenho estremecimentos indecisos,
"E sinto, haurindo o tepido ar sereno,
"O mesmo assombro que sentiu Parpheno,
"Quando arrancou os olhos de Dyonisos.»

"Perfurava-me o peito a aspera puá
"Do desanimo negro que me prostra...«

... "Naquella angustia absurda e tragi-comica,
"Eu chorava, rolando sobre o lixo,
"Com a contorsão neurotica de um bicho,
"Que ingeriu trinta grammas de nox-vomica.»

"Quizera qualquer coisa provisoria,
"Que a minha cerebral caverna entrasse,
"E até o fim, cortasse e recortasse
"A faculdade aziaga da memoria.»

"Hoje, é amargo tudo quanto eu gosto:
"A bençam matutina que recebo...
"E é tudo: o pão que como, a agua que bebo;
"O velho tamarindo a que me encosto.»

"Encontram-se todos os intermediarios, doutrina Masselon, entre a depressão simples e a melancolia ansiosa." Comprehende-se, pois, que a caracterização

da lypemania, vez em quando, é de si mesma difficult, ao menos naquelles casos, em que o individuo mal se afasta da caracterisação da melancholia simples. No caso de Augusto, porém, poder-se-ia áquelle angustia intima do lypemaniaco, collar as suas confissões acima, em que se trae uma ansiedade extrema. Vê-se-lhes a genese, com bastante clareza, como o resultado de uma auto-analyse, da qual emerge o individuo, qual se assombrado da propria condição espiritual:

“Eu queria correr, ir para o inferno,
 “Para que da psyché no occulto jogo,
 “Morressem, suffocadas pelo fogo,
 “Todas os impressões do mundo externo.»

Não é tudo, ainda. Sabe-se que, na lypemania, os delirios são, em regra, presentes, coincidindo, ás mais das vezes, os de negação e enormidáde. Não faltaram ambos, como vimos.

O quadro é, pois, sufficientemente esboçado, senão completo. E podemos concluir:

Augusto dos Anjos, do ponto de vista psychiatrico, tanto quanto nos permittiram revelal-o a sua obra e outros dados expressos neste trabalho, foi um caso de melancholia essencial. Essa melancholia, porém, apparenta certos aspectos, que é licito, mais particularmente, classifical-o como um caso de lypemania.



Visto.

Secretaria da Faculdade de Medicina da Bahia

Em 30 de Outubro de 1926.

Secretario Interino

Anselmo Pires de Albuquerque

